



UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE MOTRICIDADE HUMANA



Relatório Final de Estágio

**Realizado na Escola Relatório Final de Estágio realizado na Escola Secundária
com 3º Ciclo de Caneças**

**Dissertação elaborada com vista à obtenção o grau de Mestre em Ensino da
Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário**

Orientadora da Faculdade de Motricidade Humana

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexêlo Pedro

Orientador da Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças

Licenciado Luís Jorge Nogueira Lousteau Mateus

Presidente do Júri

Doutor Marcos Teixeira de Abreu Soares Onofre, Professor associado da
Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa

Vogais

Doutora Maria João Figueira Martins, Professora auxiliar na Faculdade de
Motricidade Humana

Mestre Maria da Conceição Ribeiro Rexêlo Pedro, Especialista de mérito em
Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Licenciado Luís Jorge Nogueira Lousteau Mateus, Especialista de mérito em
Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário

Inês Guimarães Neves Rodrigues Miranda

2016

Agradecimentos

Agradeço à minha família por me ter proporcionado todas as oportunidades para que chegasse a esta fase da minha vida e por todo o apoio ao longo do percurso que muitas vezes foi difícil.

Aos meus alunos, que irão sempre ser os meus “trambolhos”, sejam os da minha turma como os do desporto escolar, por todos os ensinamentos, por todas as partilhas, por todos os carinhos, por todos os momentos que pudemos partilhar juntos.

Ao professor Mateus, por toda a sua preocupação, disponibilidade, alegria, orientação e amizade.

À professora Conceição por me manter no caminho certo com a sua exigência, rigor e encorajamento à reflexão.

À professora Susana por ser a minha companheira de viagem e amiga.

À professora Joana por ser a alegria dos nossos dias.

A todos os outros professores do departamento pela sua disponibilidade e ajuda.

Ao meu colega Hugo pela amizade, sem a qual não teria sido possível terminar este percurso com sucesso. À minha colega Rita, por toda a ajuda, companheirismo e momentos que partilhámos.

À Dona Filó e à Dona Lina por serem o primeiro sorriso que via pela manhã ao entrar no pavilhão e que tornaram os nossos dias mais fáceis.

A todos os membros da escola que nos receberam sempre tão bem e nos ajudaram em tudo o que puderam.

A todos os professores do Colégio São João de Brito, da Escola Básica e Secundária Vergílio Ferreira e da FMH que me inspiraram e influenciaram e permitiram tornar-me no que sou hoje.

Aos meus amigos, aos quais prometo que a minha ausência vai ser compensada em breve.

Ao Marcelo por ser o meu pilar, o meu porto de abrigo, a minha força extra. Obrigada pela paciência, pela compreensão, pela inspiração, pelo apoio, pelo amor.

Por fim, dedico este documento à vida que aí vem.

Resumo

O presente relatório tem como objetivo fazer uma análise crítica e reflexiva do processo de estágio pedagógico realizado na Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças no âmbito do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. O estágio pedagógico representa um módulo de formação desenvolvido em regime de supervisão pedagógica que constitui o momento decisivo de integração no contexto profissional, confrontando o professor estagiário com a realidade do ensino. Assim sendo, todo o processo de estágio foi orientado para o desenvolvimento das competências associadas à profissão docente.

Foi possível constatar que os conteúdos transmitidos foram, salvo uma exceção, suficientes para fazer o planeamento adequado e adaptado às necessidades dos alunos. No entanto, teve que haver um estudo autónomo contínuo para complementar os conhecimentos, assim como conversas com o núcleo de estágio para que as dificuldades ao nível da intervenção pedagógica fossem ultrapassadas. Esta procura incessante de conhecimento foi também necessária no momento da operacionalização da avaliação, tanto formativa como sumativa. Como o estágio pedagógico não se resume à atividade do professor no contexto de sala de aula, proporcionou ao professor estagiário que projetasse a sua ação a outras áreas. Por consequência, esta oportunidade concretizou-se na execução de projetos de intervenção na escola e na comunidade. Este documento mostra que a singularidade deste processo pedagógico é consequência de todo o contexto escolar, de todos os seus intervenientes e da relação entre estas duas variáveis.

Palavras-chave: Estágio Pedagógico, Educação Física, Reflexão, Professor, Supervisão Pedagógica.

Abstract

This report aims to do a critical and reflective analysis of the teaching practice process performed in Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças for master degree in Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. The teaching practice represents a training module developed in teacher supervision regime which constitutes the decisive moment in the professional context integration, confronting the teacher intern with the reality of teaching. Thus, the whole process of training was oriented towards the development of skills associated with teaching profession.

It was found that the contents learned, unless an exception, were enough to make the appropriate planning and tailored to the needs of the students. However, it was necessary to do a continuous self-study to complement the knowledge, as well as having conversations with the core of stage to overcoming the difficulties in terms of pedagogical intervention. This incessant demand of knowledge was also required at the time of implementation of formative assessment, both as summative. As the educational stage is not limited to the activity of the teacher in the classroom context, it was possible for the teacher trainee to design their action to other areas. Consequently, this opportunity enabled the execution of projects of intervention in school and in the community. This reflection shows that the uniqueness of this educational process is the result of the whole school context, all his players and the relationship between these two variables.

Key Words: Teacher Training, Physical Education, Reflection, Teacher, Teacher Supervision.

Índice

| | |
|---|-----|
| Resumo | iii |
| Abstract | iv |
| Lista de Abreviaturas | vi |
| 1. Introdução..... | 1 |
| 2. Caracterização | 3 |
| 2.1 A Escola | 3 |
| 2.2 Grupo de Educação Física | 5 |
| 2.3 Núcleo de estágio..... | 8 |
| 2.4 Caracterização da turma A do 11º ano de escolaridade | 10 |
| 3. Reflexão Crítica | 14 |
| 3.1 Área 1 - Organização e Gestão do ensino e das aprendizagens | 15 |
| 3.1.1 Planeamento..... | 15 |
| 3.1.2 Avaliação..... | 19 |
| 3.1.3 Condução..... | 21 |
| 3.2 Área 2 – Inovação e Investigação..... | 29 |
| 3.3 Área 3 – Participação na Escola..... | 33 |
| 3.3.1 Desporto Escolar | 34 |
| 3.3.2 Atividades Dinamizadas | 36 |
| 3.4 Área 4 – Relação com a Comunidade | 41 |
| 3.4.1 Direção de Turma..... | 42 |
| 3.4.2 Estudo de turma | 44 |
| 3.4.3 Dia em Carcavelos – Torneio Interescolar de Voleibol..... | 45 |
| 3.4.4 II Gala de Educação Física e Desporto Escolar..... | 45 |
| 3.4.5 Dia na Quinta da Fonte Santa | 46 |
| 4. Conclusões..... | 47 |
| 5. Referências | 48 |

Lista de Abreviaturas

AEC – Agrupamento de Escolas de Caneças

AI – Avaliação Inicial

APF – Aptidão Física

AS – Avaliação Sumativa

CQEP – Centro para a Qualificação e o Ensino Profissional

DE – Desporto Escolar

DEF – Departamento de Educação Física

DT – Diretor de Turma

E – Elementar

EBC – Escola Básica dos Castanheiros

EE – Encarregado de Educação

EEFM – área de Expressão e Educação Físico Motora

EF – Educação Física

EFA – Educação e Formação de Adultos

ESC – Escola Secundaria com 3º Ciclo de Caneças

Ext1 – Campos Exteriores de baixo

Ext2 – Campos Exteriores de cima

FMH – Faculdade de Motricidade Humana

G1 – Ginásio1

G2 – Ginásio 2

G3 – Ginásio 3

Gin – Sala de Ginástica

GEF – Grupo de Educação Física

I – Introdutório

JDC – Jogos Desportivos Coletivos

NE – Núcleo de Estágio

PAA – Plano Anual de Atividades

PAI – Protocolo de Avaliação Inicial

PAT – Plano Anual de Turma

PEE – Projeto Educativo de Escola

PF – Plano de Formação

PNEF – Programa Nacional de Educação Física

PPT – Português Para Todos

RI – Regulamento Interno

UE – Unidade de Ensino

1. Introdução

Este documento surge no âmbito do Estágio Pedagógico que se insere no 2º ano do Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário da Faculdade de Motricidade Humana (FMH). Tem como objetivo ser uma reflexão sobre as atividades presentes no Guia de Estágio Pedagógico, as quais pretendem levar o professor estagiário a cultivar o seu espírito crítico e a sua capacidade de reflexão sobre as suas próprias ações em todas as áreas do seu estágio pedagógico.

Segundo Carvalhinho & Rodrigues (2004), a realização do processo de estágio pedagógico corresponde a um momento fundamental na formação profissional daqueles que aspiram a ser professores e que através de um conjunto de experiências vivenciadas ao longo do seu processo tornam esse momento de formação decisivo na aquisição de saberes pedagógicos diversificados. O estágio pedagógico é então o momento mais marcante e com maior significado na formação do professor estagiário como futuro profissional educativo devido aos desafios que lhe são apresentados ao longo do mesmo. Foi então este o sentimento vivenciado durante o estágio pedagógico onde o professor estagiário foi confrontado com situações novas, onde a sua formação teórica serviu de fundamento e preparação para as situações práticas e onde estão implícitas responsabilidades próprias da situação profissional.

A análise crítica e reflexiva do desempenho, ao longo deste ano esteve sempre presente, e este documento pretende ser o culminar de uma análise mais complexa e profunda tendo em conta que me irei debruçar sobre as dificuldades e potencialidades que enumerei no Plano de Formação (PF) para cada competência, e sobre as quais refletirei.

Assim sendo, o presente relatório encontra-se organizado em duas partes:

- A análise crítica e reflexiva do contexto em que foi desenvolvido o estágio, focando-me nas particularidades e características do contexto que mais influenciaram o estágio pedagógico.
- A análise crítica e reflexiva da formação realizada em todas as áreas e subáreas do estágio, destacando, para cada uma delas, as situações mais relevantes e pertinentes para a minha formação durante todo o processo de estágio.

Para finalizar, é apresentada uma conclusão geral onde é feita uma reflexão crítica sobre o processo de estágio e os seus efeitos profissionais e pessoais e também uma projeção sobre as necessidades de desenvolvimento profissional que persistem após o estágio.

2. Caracterização

1.1 A Escola

A Escola Secundária com 3º Ciclo de Caneças (ESC) está inserida no Agrupamento de Escolas de Caneças (AEC) do qual é a escola sede. Do AEC fazem também parte as seguintes escolas: 1) Escola Básica dos Castanheiros (2º Ciclo); 2) Escola Básica Francisco Vieira Caldas (1º Ciclo); 3) Escola Básica Artur Alves Cardoso (1º Ciclo); 4) Escola Básica Cesário Verde (1º Ciclo); 5) Escola Básica Maria Costa (1º Ciclo).

A ESC pertence à União de Freguesias de Ramada e Caneças, Concelho de Odivelas que faz fronteira com os concelhos de Loures, Sintra, Amadora e Lisboa. Insere-se num meio diversificado pois recebe alunos das freguesias de Casal de Cambra e Casal Novo, um meio suburbano, de famílias com baixos recursos e em que parte dos pais são provenientes dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Recebe também alunos da freguesia de Caneças, um meio suburbano e rural, onde alguns dos alunos provêm de famílias com raízes na vila e por fim recebe alunos das freguesias de D. Maria, Almaragem do Bispo e Camarões, meios essencialmente rurais, mas com um crescimento tendencialmente suburbano. (Escola Secundária de Caneças, 2010) Estas características demográficas influenciam de forma determinante as dinâmicas dos alunos, principalmente porque a maioria dos problemas observados estão relacionados com disfunções familiares, com o estatuto socioeconómico baixo e com condições de habitação precárias.

A escola rege-se por vários documentos orientadores como o Projeto Educativo de Escola (PEE), o Regulamento Interno (RI), o Plano Anual de Atividades (PAA) e o Projeto de Desenvolvimento Curricular.

A escola é vista como uma instituição de ensino e formação multifacetada e de qualidade, que responde positivamente aos novos desafios de formação, que incorpora novas práticas pedagógicas e que se preocupa em oferecer vias de formação diversificadas e que vão ao encontro das diferentes necessidades dos que a procuram quer sejam crianças e jovens quer sejam adultos.

(Projeto Educativo 2010/2013, 2010)

O PEE assenta num princípio básico, numa ideia chave que deverá estar sempre presente: “a escola é feita para e com os alunos”. E para complementar tem também alguns ideais ou princípios orientadores pelos quais rege a sua ação. Mais e melhor sucesso; Trabalho centrado no desenvolvimento das capacidades de cada aluno; Os pais como

parceiros na formação dos seus filhos; Premiar o mérito e o bom desempenho; Promover o desenvolvimento integral dos alunos; Promover a aprendizagem ao longo da vida; Uma escola onde os alunos sejam felizes. Deste modo o PEE assume-se como um documento orientador de todo o agrupamento, bem como na elaboração de outros documentos que orientam a ação educativa do agrupamento em geral e das escolas em particular, tais como o Projeto de Agrupamento, Projetos Curriculares de Turma e Plano de Atividades.

O órgão máximo do agrupamento é o Concelho Geral que é constituído por um total de 21 membros, contando com representantes do pessoal docente, não docente, pais e encarregados de educação (EE), alunos e comunidade local. Tem as mais variadas funções, das quais destaco: eleger o respetivo presidente, eleger o diretor, aprovar o projeto educativo e acompanhar e avaliar a sua execução, aprovar o regulamento interno do agrupamento, aprovar os planos anual e plurianual de atividades, e funções de relacionamento com a comunidade educativa. Hierarquicamente segue-se um Diretor do Agrupamento que tem como funções a administração e a gestão do AEC nas áreas pedagógica, cultural, administrativa, financeira e patrimonial. Este diretor, no exercício das suas funções, é coadjuvado por um subdiretor e adjuntos. Seguidamente existe o Concelho Pedagógico, que é o órgão de coordenação, supervisão pedagógica e orientação educativa do agrupamento, nomeadamente nos domínios pedagógico-didático, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente. A seguir vem o Concelho Administrativo, órgão deliberativo em matéria administrativo-financeira do agrupamento, nos termos da legislação em vigor.

A ESC engloba turmas, em regime diurno, desde o 8º ano de escolaridade até ao 12º ano de escolaridade, assim como Cursos Profissionais. No 3º ciclo do ensino básico as turmas diferenciam-se em turmas de currículos regulares, turmas de percursos curriculares alternativos e turmas de cursos de educação e formação. No ensino secundário, as turmas estão organizadas em diferentes cursos: cursos científico-humanísticos e cursos profissionais. Em regime noturno, a escola oferece o ensino secundário recorrente por módulos capitalizáveis, cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA) de nível básico e secundário e Português Para Todos (PPT). Na Escola funciona também um Centro para a Qualificação e o Ensino Profissional (CQEP).

A escola também oferece vários serviços e condições para melhorar a vida escolar dos alunos. Um *site* (www.aecanecas.com) onde pode ser consultada a estrutura dos órgãos de gestão, e onde podem obter-se informações sobre: os documentos de referência, os serviços que a escola oferece, informações sobre o CQEP, a oferta formativa

para o ano letivo vigente e o calendário escolar e um separador com ligações pertinentes. Existe também um jornal da escola, uma biblioteca onde os alunos podem consultar livros e internet através dos computadores da escola, onde existem várias iniciativas de incentivo à leitura. Por fim, existe o projeto do Desporto Escolar (DE), que oferece vários Grupos Equipas: Basquetebol, *Badminton*, Dança, Escalada, Futsal, Multiactividades, *Taekwondo*, Ténis, Ténis de Mesa, Voleibol.

1.2 Grupo de Educação Física

O Departamento de Educação Física (DEF) é constituído por um grupo dinâmico de quinze professores e três professores estagiários. É um grupo que trabalha tendo como base o Programa Nacional de Educação Física (PNEF), adaptando-o à sua realidade escolar. É um grupo muito coeso, muito comunicativo, onde todas as decisões são tomadas em conjunto, de forma a todos trabalharem para os mesmos objetivos, havendo assim uma uniformização entre todos os professores.

Segundo o PNEF (Jacinto, Comédias, Mira, & Carvalho, 2001), “o trabalho coletivo que o DEF produzir, traduzido nos compromissos que estabelecer dentro do próprio grupo, na escola e na comunidade, são a base do sucesso da aplicação destes programas”, logo foi uma mais-valia enquanto professora estagiária, pertencer a um grupo onde é proporcionado um ensino de qualidade e coerência de práticas letivas pois o trabalho realizado com os alunos advém de um trabalho coletivo e repleto de trocas de experiências e conhecimentos dentro do DEF.

No início do ano letivo anterior (2013/2014) houve uma reformulação nos departamentos de Educação Física (EF), onde o departamento da ESC e da Escola Básica dos Castanheiros (EBC) passou a ser um só, após o recente agrupamento das escolas. Esta alteração gerou a necessidade de uma uniformização dos documentos de avaliação, critérios de avaliação e protocolo de avaliação inicial (PAI), de acordo com o PNEF. O núcleo de estágio (NE) participou na reformulação de alguns dos critérios de avaliação uma vez que possui um conhecimento mais atualizado do PNEF e ajudou a completar o PAI, uma vez que estava um pouco incompleto, não fazendo referência à ginástica de aparelhos e à ginástica acrobática. Em relação ao NE, o DEF sempre mostrou interesse, e em geral, apoiou, as atividades propostas. No entanto nem todos os professores do DEF estiveram disponíveis para participar e colaborar nas atividades. Ainda assim, os professores que participaram auxiliaram o NE e estiveram sempre disponíveis para transmitir os seus conhecimentos e experiências para que o NE evoluísse.

O DEF rege-se por um conjunto de documentos orientadores necessários à prática letiva. Os principais documentos são o RI de EF, o PAI, o Documento de Avaliação em EF, os Planos Plurianuais, o PAA e os Critérios de Avaliação. O RI de EF explicita um conjunto de regras a cumprir que contribuem para um melhor funcionamento da disciplina. É um documento muito importante, que está muito bem estruturado e completo relativamente às regras, comportamentos e organização da disciplina. Como já referi o PAI estava um pouco incompleto, não contemplava as situações de avaliação de algumas matérias, deixando ao critério de cada professor a forma de proceder à avaliação inicial dos alunos. Os outros documentos estavam extremamente bem elaborados e completos, pelo que constituíram ótimas ferramentas de trabalho para os professores do DEF.

Como já referi, o Grupo de EF é um grupo muito dinâmico e pró-ativo, como tal, ao longo do ano foi responsável por várias atividades e iniciativas, que estão contempladas no PAA de EF. Exemplos destas atividades são o torneio da turma, os vários torneios do DE, passeios/caminhadas, percursos de orientação, visitas à Quinta da Fonte Santa, o projeto Agita Caneças e este ano em particular, o projeto do 1ºCiclo, que será explicado mais à frente.

Relativamente ao DE, é de louvar a oferta educativa e desportiva que a ESC proporciona aos seus alunos, contanto com 9 núcleos de DE (Basquetebol, *Badminton*, Dança, Escalada, Futsal, Multiactividades, *Taekwondo*, Ténis, Ténis de Mesa, Voleibol). Destes núcleos, coadjuvei, no âmbito da Área 3 do estágio pedagógico, o núcleo de Voleibol, que é o núcleo mais antigo e com mais tradição na escola, tendo o maior número de alunos inscritos. A minha relação com os professores responsáveis por este núcleo cresceu muito, formámos um grupo muito dinâmico e ativo na comunidade escolar, onde se realizaram várias atividades, torneios, passeios, visitas entre outras atividades.

As aulas e atividades de EF decorrem nas instalações desportivas da Escola: Pavilhão Gimnodesportivo e Campos de Jogos Exteriores. Estas instalações são responsabilidade do professor orientador que desempenha a função de diretor de instalações do DEF. Logo desde a primeira visita à escola que foi visível uma exigência, rigor e organização, exigidos por este professor, na gestão das instalações e material desportivo. A arrecadação do material estava meticulosamente organizada e havia uma variedade considerável de material desportivo. O pavilhão Gimnodesportivo é composto por uma nave principal dividida em dois espaços, o Ginásio 1+2 (G1+G2) e o Ginásio 3 (G3) e por uma sala de Ginástica considerada um só espaço de aula (Gin). Os Campos de Jogos Exteriores são constituídos por campos exteriores de baixo (Ext1) e campos

exteriores de cima (Ext2). Os campos exteriores de baixo são considerados um único espaço de aula e são constituídos por, um campo de futsal e um campo de voleibol com as medidas oficiais, vários campos com medidas reduzidas (três campos de futsal/andebol, dois campos de basquetebol), uma pista de atletismo e uma caixa de saltos. O professor que estiver a lecionar na sala de ginástica pode também usufruir dos campos exteriores de cima que são constituídos por um campo de futsal, dois campos de basquetebol e dois campos de voleibol, todos com medidas reduzidas. É de salientar o facto de o espaço G3 ter uma das melhores paredes escolares de escalada do país, que tem sido aumentada ao longo dos anos pelos professores da escola.

A rotação dos espaços (*Roulement*) considera quatro espaços letivos e é feita de acordo com o mapa de rotações estabelecido pelo diretor de instalações no início do ano letivo. Para a avaliação inicial (AI) a rotação foi semanal, mas a partir da primeira etapa a rotação passou a ser de duas em duas semanas cumprindo a seguinte ordem: G1+G2 → G3 → Gin → Ext1. Para além da ocupação normal dos espaços, em situação de más condições atmosféricas que impossibilitem a lecionação de aulas nos Campos Exteriores, o professor que se encontre no exterior poderá ocupar um espaço livre no pavilhão, caso este exista, caso contrário, solicitará a ocupação de metade do espaço G1+G2 ao professor que aí esteja a lecionar. Esta dinâmica facilita bastante o planeamento, em especial das unidades de ensino (UE), pois permite fazer uma abordagem mais concentrada das matérias por haver uma continuidade nos espaços.

Além destes espaços, existe um miniginásio no piso superior do pavilhão que é, essencialmente, usado no âmbito do projeto Agita Caneças, e por todos os alunos que necessitem de apoio à disciplina de EF. Este espaço ajuda na promoção de estilos de vida ativos e saudáveis, dando a possibilidade aos alunos de treinarem em condições que só teriam num ginásio, já que a maioria não tem condições para suportar financeiramente estas atividades extra escola. No piso superior existe também uma sala de aula onde podem ser lecionadas aulas teóricas sempre que necessário, sendo sem dúvida uma mais-valia, no entanto a sala não dispõe de um projetor, obrigando o professor a deslocar-se a um dos blocos da escola para requisitar um projetor que estivesse disponível. Por fim, o NE arrumou e limpou uma sala também no piso superior que estava inutilizada, para que pudesse ser o seu gabinete de trabalho, e onde se realizaram todas as reuniões de estágio.

1.3 Núcleo de estágio

O núcleo de estágio era constituído por três professores estagiários, um do sexo masculino e dois do sexo feminino, e pelos dois professores orientadores, de escola e de faculdade. Já nutria uma amizade por um dos professores estagiários e o outro conhecia-o apenas de circunstâncias académicas.

O tipo de relação entre os estagiários proporcionou um clima positivo de trabalho e de partilha que possibilitou a verbalização dos aspetos importantes a melhorar, o que também permitiu encontrar várias situações para os problemas que foram surgindo.

Tendo em conta a vasta experiência de ambos os orientadores na orientação dos estágios pedagógicos, os momentos de supervisão foram constantes e sob a forma de partilha e guia até à solução mais indicada. Ambos mostraram sempre preocupação e interesse sobre a formação dos estagiários encaminhando-os para um processo de formação mais reflexivo e de descoberta guiada. Tal como Jardim e Onofre (2009) referem “o objetivo do trabalho dos orientadores consiste no apoio ao desenvolvimento de conhecimentos, competências e atitudes do formando, bem como na alteração ou reforço de determinadas crenças que este traz da sua formação anterior e do seu percurso como aluno.” Woods (2005), reforça que “um profissional reflexivo é mais inovador e criativo, descobrindo problemas e saídas, inventando, experimentando novas soluções e adaptando-se constantemente.” O papel dos orientadores foi então crucial para que os professores estagiários compreendessem o que é um profissional reflexivo e caminhassem nessa direção durante o ano letivo.

Em julho, no momento de início do processo de estágio, o NE reuniu-se e foram dadas tarefas para adiantar algumas atividades do início do ano letivo. Em setembro, o estágio começou oficialmente no dia 1, com um inventário de todo o material desportivo disponível para a prática letiva e a reposição de algum material que estivesse em falta, assim como a elaboração de uma tabela de polivalência dos espaços. Esta tabela foi extremamente importante nos primeiros momentos de planeamento, pois facilitou bastante a tarefa de planeamento das aulas em função do espaço e das matérias, e mediante o *roulement* definido. À medida que o ano letivo foi avançando, o NE foi percebendo que os espaços eram mais polivalentes do que o assumido inicialmente, aquando da construção da tabela de polivalência dos espaços. Como consequência, as aulas puderam tornar-se cada vez mais politémicas e dinâmicas, com um melhor aproveitamento dos espaços. As tarefas seguintes foram surgindo com naturalidade, as reuniões de departamento,

frequentes ao longo do ano, permitiram conhecer um pouco mais os professores do agrupamento e a dinâmica entre eles, as reuniões de NE com a professora orientadora da faculdade foram sempre de extrema importância e pertinência para o processo pedagógico, pois foram os momentos que mais proporcionaram reflexão.

Durante o ano letivo foram várias as atividades proporcionadas pelo DEF e DE aos alunos da ESC. O NE esteve presente e participou ativamente em praticamente todas, sendo que a organização de algumas das atividades tenha sido da sua responsabilidade. As atividades em que o NE participou apenas logisticamente, estando disponível para ajudar no que fosse necessário foram: o torneio de natal de Voleibol (13 de dezembro), o torneio do dia do Basquetebol (15 de dezembro), a 1ª Maratona Noturna de Voleibol (6 de Março), as atividades do Dia Mundial da Saúde (7 de abril), o torneio do dia do Badminton (17 de Abril), as atividades da Quinta da Fonte Santa (2 de junho), o torneio interescolar na Praia de Carcavelos (4 de junho), a 2ª Gala de EF e DE (5 de junho), as atividades na Quinta da Fonte Santa com o DE de Voleibol (12 de junho) e por fim a 2ª Maratona Noturna de Voleibol (19 Junho). Por fim as atividades cuja organização foi da responsabilidade do NE foram: o torneio do dia do Voleibol (20 de janeiro) e a Páscoa Desportiva (23 a 27 de março).

Para o NE se organizar e orientar com mais facilidade realizou, em conjunto com o professor orientador, um calendário onde foram incluídas todas as atividades acima enumeradas e as restantes tarefas inerentes ao estágio pedagógico. Este calendário foi crucial ao longo de todo o ano letivo pois facilitou todo o processo de gestão do trabalho a desempenhar pelo NE.

O ano letivo foi recheado de altos e baixos e os professores orientadores foram fundamentais na estrutura do NE mantendo os professores estagiários motivados e unidos, lembrando que perseverança e insistência na resolução dos problemas traz uma grande satisfação pessoal quando é constatada a evolução e a sensação de um trabalho bem feito. A professora orientadora da faculdade mostrou-se sempre disponível e preocupada, sendo uma importante fonte de segurança, principalmente nos momentos mais difíceis. Desempenhou um papel crucial no processo de estágio através da sua exigência, assertividade, empenho e profissionalismo. O professor orientador de escola, foi o pilar do NE, pois a sua presença foi constante, até nos momentos de lazer, sem nunca deixar de ser exigente. A sua extrema organização ajudou a que o processo de estágio decorresse conforme planeado, minimizando os contratemplos. Sempre apoiou os professores estagiários, defendendo-os quando necessário e para além da relação profissional e

académica entre os professores estagiários e o professor orientador, também se desenvolveu uma relação de amizade. O estágio pedagógico foi de facto um processo marcante, tanto a nível profissional como emocional, onde as aprendizagens foram diárias e com muito valor para os professores estagiários.

1.4 Caracterização da turma A do 11º ano de escolaridade

A turma A do 11º ano de escolaridade foi uma turma do curso de Ciências e Tecnologias constituída pela junção de duas turmas do 10º ano de escolaridade. A turma era constituída por 28 alunos, no entanto uma aluna mudou de turma, ficando 27 alunos, dos quais 17 eram raparigas e 10 eram rapazes com idades compreendidas entre os 15 e os 17 anos. O facto de os alunos virem de duas turmas distintas fez com que se formassem dois grupos dentro da turma, e esses grupos ainda se dividiam em dois grupos, resultando numa turma pouco unida, com alguns conflitos entre os grupos. Através das aulas de EF, e dos exercícios em que juntei os vários grupos, foi notória a melhoria na união da turma ao longo do ano letivo.

Para o auxílio da caracterização da turma, na primeira aula do ano letivo, os alunos preencheram dois questionários, um sobre informações gerais, como a composição do agregado familiar, percurso escolar, ocupação dos tempos livres, saúde e expectativas futuras, e outro sobre a disciplina de EF.

No que diz respeito ao nível socioeconómico dos 28 alunos que constituíam a turma, 5 beneficiavam de apoio socioeducativo e fazem parte do escalão B.

A turma, em geral foi cumpridora no que diz respeito à assiduidade, foi raro os alunos faltarem, inclusivamente nas outras disciplinas. A única situação relevante, que foi pontual, foi a primeira aula na sala de ginástica em que 10 alunos não trouxeram sapatilhas, uns porque se esqueceram, outros porque ainda não as tinham. Após essa aula, e ter sido reforçado o facto de que sem sapatilhas não fariam a aula e teriam falta de material, os alunos passaram a trazer o material.

Em relação à pontualidade, a turma foi menos cumpridora, tendo vários alunos a chegar mesmo em cima da hora de início da aula. Também aqui houve uma situação atípica numa aula nos campos exteriores, em que muitos alunos chegaram atrasados. Mas após uma conversa sobre este assunto, os alunos mudaram o comportamento, fazendo sempre um esforço para chegarem a tempo do início da aula.

A turma geralmente apresentou comportamentos que geraram um bom clima de aula, por vezes o barulho elevava-se para além do que eu pretendia, mas rapidamente os alunos eram repreendidos e o ruído baixava. O clima foi propício às aprendizagens, os alunos estavam a maior parte do tempo em tempo útil de aprendizagem. Foi uma turma que em geral apresentava bastante vontade em participar nas tarefas da aula, eram interessados e empenhados. Obviamente este empenho variou um pouco conforme as matérias lecionadas, e houve sempre duas ou três alunas que não se empenhavam tanto como os restantes alunos, mas aos poucos consegui motivá-las para as aulas e no final a diferença foi significativa. No início do ano letivo nenhum aluno da turma fazia parte de um grupo-equipa do DE, e raramente participavam nas atividades do grupo de EF, no entanto, após a minha insistência, três alunos começaram a frequentar os treinos de voleibol e vários alunos participaram nas várias competições do torneio da turma.

No início do ano esclareci aos alunos qual era o comportamento que eu esperava deles e quais eram as regras das aulas. Desde esse momento nunca tive problemas de indisciplina nas aulas. No entanto, como era de esperar, houve dois ou três alunos que apresentaram comportamentos fora da tarefa, mas que, a partir do momento em que foram chamados à atenção, mudaram o seu comportamento. Também ajudou a esta alteração de comportamento o facto de eu ter usado como estratégia separar esses alunos sempre que possível, evitando que eles se destabilizassem uns aos outros.

Ao nível do desempenho, a turma era um pouco heterogénea, tendo alunos que se destacavam pelo seu desenvolvimento motor elevado e outros pelo contrário, mas em geral, a turma apresentava um nível global Introdutório (I). Até ao final do ano letivo, os alunos melhoraram bastante, tendo atingindo um nível global Elementar (E), na maioria das matérias, o que revela que o trabalho produzido com os alunos foi competente, produtivo e positivo. No entanto, nove alunas começaram o ano letivo com pelo menos uma matéria em que não atingiram o nível I de desempenho, sendo que a maior parte tinha em duas ou mais matérias neste nível. Ainda assim, todas as alunas conseguiram recuperar e acabar o ano letivo com nível I nas matérias que na AI ainda não conseguiam atingir o nível I.

Depois da AI, os resultados da mesma foram disponibilizados aos alunos de modo a que pudessem tomar uma decisão mais consciente sobre as matérias escolhidas para a avaliação. Segundo o estipulado pelo DEF, deveria haver uma eleição das seis matérias mais escolhidas pelos alunos e então todos os alunos seriam avaliados nessas matérias. No entanto, estando consciente da dificuldade acrescida que o processo de avaliação iria

ter, optei por avaliar os alunos nas matérias que cada um escolheu, de modo a tornar a avaliação mais justa e adaptada às necessidades dos alunos. Tendo em conta a AI e as matérias escolhidas pelos alunos, as matérias consideradas inicialmente prioritárias foram o Voleibol, Andebol, Basquetebol, Escalada, Orientação e Dança.

Ao longo do primeiro período letivo senti a necessidade de retificar as prioridades para a turma pois fui percebendo melhor as necessidades e a capacidade de aprendizagem dos alunos. A matéria de escalada tornou-se num ponto forte da turma, onde todos os alunos conseguiram cumprir o nível E, exceto um aluno que nunca subiu a parede alegando vertigens, no entanto cumpriu os objetivos para o *Boulder*. O voleibol foi definido como matéria prioritária à partida, pois era a matéria dos jogos desportivos coletivos (JDC) em que os alunos apresentavam mais dificuldades, no entanto a sua evolução foi lenta, e percebi que várias alunas não iam conseguir atingir o nível I. Assim sendo optei por me focar mais nas outras matérias prioritárias para potenciar o desenvolvimento dos alunos.

Não houve alunos prioritários na turma, pois não havia nenhum caso grave em termos motores nem em termos de comportamento, no entanto houve dois casos aos quais dei mais atenção pois os alunos demonstraram bastante desmotivação para as aulas de EF. Uma aluna começou a sua apresentação na primeira aula dizendo que não gostava de EF, e em todas as aulas reforçava essa ideia e não mostrava qualquer tipo de interesse em participar nas atividades das aulas. Tentei aproximar-me da aluna e compreender o motivo pelo qual não gostava nem participava nas aulas. Após várias conversas no final das aulas percebi que a aluna tinha problemas profundos de falta de autoestima que advinham da sua imagem corporal, devido ao seu excesso de peso e da sensação de que a maior parte dos colegas da turma não gostavam dela. A minha estratégia foi não a colocar em situações em que se pudesse sentir demasiado exposta e formar os grupos de maneira a que ela estivesse com colegas em quem confiasse e que a motivassem, sem que isso a prejudicasse ou aos colegas. À medida que as aulas foram avançando e que fui conquistando a confiança da aluna, apercebi-me que ela sabia bem os conteúdos das aulas, apesar de não os pôr em prática. Para aumentar a sua confiança, usei como estratégia, fazer dela um agente de ensino, pedia-lhe para ser ela a explicar as regras do badminton, ou dava-lhe a tarefa de ser ela a aplicar o teste do senta e alcança e ainda no questionamento no início ou no fim da aula, questionava-a com conteúdos que eu sabia de antemão que ela sabia a resposta. Aos poucos a aluna ficou mais motivada e confiante participando cada vez mais nas aulas. Penso que foi uma grande vitória pessoal e para a aluna os progressos que fizemos, tendo em consideração que no início do ano letivo a

aluna se recusava a vestir um arnês, e tendo concluído o ano a subir à parede de escalada várias vezes e a fazer segurança aos colegas.

Esta aluna foi um desafio que me proporcionou situações de aprendizagem muito valiosas, pois é muito importante para um professor desenvolver a capacidade de resolver problemas e de se relacionar com os alunos de modo a percebê-los para os poder ajudar.

2. Reflexão Crítica

Tendo em consideração que a EF se apresenta como uma realidade complexa em contínua mudança é indispensável, que os professores disponham não só de um repertório de técnicas de ensino e do conhecimento de valores e objetivos educativos e competências para saber quando as aplicar, mas também que sejam profissionais reflexivos com capacidade de resolver e colocar problemas. (Crum, 2000) O pensamento reflexivo é uma capacidade. Como tal, não desabrocha espontaneamente, mas pode desenvolver-se. Para isso tem de ser cultivado e requer condições favoráveis para o seu desabrochar. (Alarcão, 1996)

Durante o processo de estágio aceita-se o sujeito em formação, quer seja o professor ou o aluno, como um pessoa que pensa, dando-lhe o direito de construir o seu saber e reconhecendo-lhe a capacidade de tomar em mãos a própria gestão da aprendizagem. A reflexão constante torna-se então imperiosa pois serve o objetivo de atribuição de sentido com vista a um melhor conhecimento e a uma melhor atuação. Assumindo então a importância da formação contínua, foi essencial a construção de um PF, para o planeamento da atuação docente e evolução do professor estagiário.

Segundo o Guia de Estágio (2014), o PF organiza-se com vista a dois propósitos interligados entre si: Constituir-se como uma orientação sistemática do quotidiano do processo de formação; Constituir-se como uma plataforma para a construção do Relatório Final de Estágio. Assim sendo, no momento da elaboração do PF foi feito um levantamento de todas as competências que o professor estagiário deveria adquirir durante o estágio, assim como das atividades a que se propunha realizar. De modo a conseguir organizar o percurso ao longo do estágio, as atividades foram descritas temporalmente, tendo sido associadas as competências necessárias para cumprir as atividades com sucesso e as principais dificuldades que se antecipava que iriam ser sentidas.

Teixeira e Onofre (2009) indicam que as maiores dificuldades, relacionadas com o processo ensino-aprendizagem, dos professores estagiários, se encontram ao nível do planeamento, avaliação, instrução, organização e clima de aulas. Assim sendo, refletirei sobre todos estes níveis ao longo do presente documento.

2.1 Área 1 - Organização e Gestão do ensino e das aprendizagens

3.1.1 Planeamento

O planeamento é uma ferramenta fundamental para qualquer professor, tendo em conta que facilita a tomada de decisão, e para além disso, um planeamento bem construído retira ao professor grande parte da ansiedade da condução das aulas, sentindo-se o professor mais confiantes enquanto leciona. (Clark & Yinger, 1987)

Para ter um conhecimento geral sobre o nível de desempenho geral da turma e dos alunos em cada matéria em particular, foi realizada a AI, na Etapa Zero. Esta AI foi útil para diagnosticar as dificuldades e limitações dos alunos face às aprendizagens previstas, assim como para prognosticar o seu desenvolvimento, percebendo quais as aprendizagens que poderão vir a ser alcançadas em EF (Carvalho, 1994).

Segundo Jacinto, Comédias, Mira, & Carvalho (2001) a avaliação inicial é um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos coletivos.

Para realizar o planeamento da AI foi necessário ter em conta o PAI fornecido pela escola, e os espaços e materiais disponíveis para as aulas destinadas à AI. O PAI da ESC, era de fácil aplicação, no entanto não tinha objetivos a atingir nem situações de aprendizagem ou avaliação definidos para algumas matérias, como ginástica acrobática, logo o NE ficou responsável por completar e melhorar o PAI de modo a ter uma base de suporte para a AI.

A AI é realizada numa fase inicial do ano letivo, onde tudo é novo para o professor estagiário, quando ainda é a fase de adaptação à realidade escolar e de lecionação. Tendo isto em consideração, foi natural que a minha atenção e concentração estivesse dividida com outras tarefas como criar rotinas, prevenir comportamentos de desvio e/ou fora da tarefa, que aconteceram simultaneamente com a avaliação. Contudo, com algum trabalho e ajuda dos meus colegas estagiários consegui diagnosticar e prognosticar o nível para cada aluno em todas as matérias que foram avaliadas. Certos alunos não foram observados pelas mais diversas razões, neste sentido foram integrados no nível que me pareceu mais adequado, partindo do conhecimento prévio das competências e capacidades que esse aluno evidenciou noutras matérias.

Encarei sempre as aulas da AI como momentos de aprendizagem para os alunos, portanto senti alguma dificuldade em conciliar o registo das observações com o constante feedback e ajudas que ia dando no decorrer da aula. Outra dificuldade que senti foi na realização dos pronósticos, uma vez que à medida que as primeiras aulas

foram avançando percebi que fui demasiado ambiciosa nos objetivos que defini para muitos dos alunos.

Como já referi estas preocupações e dificuldades sobre a avaliação foram previstas no meu PF e foram também ao encontro dos resultados obtidos no estudo de Teixeira e Onofre (2009) sobre as dificuldades sentidas pelos professores estagiários durante o seu ano de estágio, que já foram referidas anteriormente.

Para suprimir as dificuldades sentidas procurei utilizar estratégias de formação indicadas no PF, como estudar as potencialidades de cada espaço e dos materiais de forma a maximizar o uso dos mesmos, debater com o NE as observações, formar grupos de trabalho e ter fichas de registo para os mesmos, de modo a facilitar o registo, libertando tempo para a observação. Mais tempo para observar significou mais tempo para dar feedbacks e melhorar a qualidade da avaliação feita ao aluno, uma vez que a capacidade de avaliar está intimamente relacionada com a capacidade de observar (Carvalho, 1994).

Ainda nesta etapa de aprendizagem, senti dificuldade em adaptar as situações de aprendizagem às dificuldades dos alunos e às suas possibilidades de desenvolvimento. A estratégia aplicada foi a diferenciação de ensino.

Diferenciar o ensino significa alterar o ritmo, o nível ou o género de instrução que o professor pratica, em resposta às necessidades, aos estilos ou aos interesses de cada aluno (Heacox, 2006).

Criar as situações de aprendizagem ideais para os alunos não é uma responsabilidade de fácil execução. Os motivos para os alunos não conseguirem completar determinada tarefa pode não ser aquela que o professor assume à partida, ou a mais óbvia e lógica. Assim sendo, há que refletir sobre as várias hipóteses para o aluno não estar a ter o desempenho esperado e desejado. Defini então como estratégia criar grupos de nível, planeando exercícios sempre de acordo com o nível de desempenho dos alunos. Este tipo de planeamento permitiu-me não só potenciar as aprendizagens dos alunos como maximizar a minha observação, e também acompanhar melhor as aprendizagens e evoluções dos alunos, ao longo das aulas.

Em geral senti que o nível da turma nas Atividades Físicas Desportivas (AFD) estava abaixo do que seria de esperar para o ano de escolaridade em que se encontrava, o que poderá ter sido um dos motivos que me levou a ser erradamente ambiciosa no momento de prognosticar quais as competências que os alunos iriam adquirir no ano letivo em questão.

Os processos e os resultados da avaliação devem contribuir para o aperfeiçoamento do processo de ensino-aprendizagem e, também, para apoiar o aluno

na procura e alcance do sucesso em Educação Física (...) (Jacinto, Comédias, Mira, & Carvalho, 2001).

Segundo Carvalho (1994), ao planear estamos a prever a forma como iremos utilizar os meios disponíveis para que os alunos cumpram os objetivos previstos para eles e adequados às suas necessidades e capacidades. Assim sendo, a partir dos resultados obtidos na AI e das reflexões feitas sobre os mesmos, foi efetuado o Plano Anual de Turma (PAT). É após a AI que o PAT é esboçado, e assim, cada uma das etapas pertencentes são especificadas após a avaliação das etapas de ensino-aprendizagem anteriores (Carvalho, 1994).

Segundo Bento (1998), “o plano anual de turma é um plano de perspetiva global que procura situar e concretizar o programa de ensino no local e nas pessoas envolvidas.”. Pretende então elaborar, definir e estruturar um conjunto de objetivos do contexto escolar na disciplina de EF que explicito de seguida. O PAT permite-nos planear os objetivos para a turma conforme o nível a que se pretende chegar, permitindo também um controlo mais eficaz de toda a planificação. Ficamos com uma previsão de todas as matérias a lecionar ao longo do ano letivo definindo estratégias de organização e gestão da turma, prevendo e reagindo às dificuldades já detetadas na AI.

Segundo o PNEF (2001), cumpre-se o princípio da especificidade do plano de turma, em que o professor “selecciona e aplica processos distintos para que todos os alunos realizem as competências prioritárias das matérias de cada ano e prossigam em níveis mais aperfeiçoados, consoante as suas possibilidades”. Assim sendo, o principal critério de operacionalização e seleção dos objetivos e de situações de aprendizagem é o aperfeiçoamento e desenvolvimento das aprendizagens dos alunos.

Para a lecionação das aulas da turma A do 11º ano de escolaridade, optei pelo modelo por etapas em oposição ao modelo por blocos. O modelo escolhido caracteriza-se por se basear no período da AI de todas as matérias e, através dos dados nele recolhidos, são definidos os objetivos a atingir pela turma no final do ano letivo. Para que esses objetivos sejam atingidos, são definidos também os objetivos intermédios para cada uma das etapas, com o intuito de garantir uma progressão no desenvolvimento dos alunos ao longo do ano letivo. Neste tipo de modelo a AI facilita a individualização de um plano de turma, dando ênfase numa maior continuidade na formação, pois os conteúdos estão distribuídos temporalmente, permitindo aprendizagens que necessitem de ser consolidadas e retidas de forma relativamente permanente. No entanto, este tipo de organização traz como dificuldade, o controlo mais difícil da turma, por dar primazia às aulas politemáticas, que exigem estações, circuitos,

rotações com grande variedade de atividades, obrigando o professor a usar todas as suas capacidades de feedback e controlo da turma à distância, assim como, de gestão do tempo e de atenção a vários acontecimentos em simultâneo.

Para a elaboração do PAT tive em consideração as matérias prioritárias, os objetivos específicos por etapas, os grupos de nível para cada matéria, e os espaços previstos para a lecionação das aulas, uma vez que estão intimamente relacionados com as matérias e por consequência a sua distribuição ao longo do ano letivo.

O ano letivo foi então dividido em quatro etapas: a Etapa 0 – AI, onde foi aferido o nível dos alunos para se poder fazer o planeamento; a Etapa1 – Aprendizagem e Desenvolvimento que ocorre a seguir à AI e onde se começa a definir o planeamento do ano letivo e onde se define qual o trabalho que se quer desenvolver com os alunos e que objetivos se pretende atingir de acordo com a AI, é também possível fazer uma revisão e consolidação de alguns conteúdos para se poder começar a aprendizagem de novos conteúdos. A Etapa 2 – Consolidação, que como o nome indica serve para consolidar as aprendizagens já efetuadas até então e para adquirir as que faltam para na etapa seguinte poderem ser avaliados; A 3ª Etapa – Avaliação, que serve para confirmar as aprendizagens dos alunos. As etapas 0 e 1 correspondem ao 1º Período do ano letivo e a etapa 2 e 3 ao 2º e 3º Período, respetivamente. Penso que foi a distribuição mais apropriada para o ano de escolaridade em questão e para o nível da turma e que permitiu que os alunos se desenvolvessem harmoniosamente e que atingissem o sucesso.

Nas duas primeiras etapas, foi decisão do NE, fazer o planeamento das aulas por Planos de Aulas, no entanto, nas últimas duas etapas do ano letivo já foram utilizadas as UE. Isto aconteceu porque nenhum dos professores estagiários tinha experiência a planear a trabalhar por UE, logo foi necessária alguma pesquisa e estudo para podermos começar a trabalhar por UE. Por UE entende-se um conjunto de aulas, com estruturas organizativas semelhantes, centradas na persecução de um conjunto de objetivos afins (Quina, 2009).

“formam uma unidade pedagógica coerente, refletindo o equilíbrio entre as orientações enunciadas no programa oficial e os dados fornecidos pela aplicação da avaliação inicial e formativa, (...) identificando objetivos pedagógicos pertinentes e explícitos, as estratégias de ensino a eles conducentes (...)”

(S.A., 2014)

A primeira UE foi sem dúvida a mais desafiante e a que necessitou de mais ajustes, os problemas foram variados, como por exemplo incluir demasiadas matérias e ter pouco número de aulas para que existissem aquisições consistentes dos conteúdos das aulas, tendo posto em causa a evolução da turma.

De acordo com Quina (2009), para planificar cada UE, o professor deve realizar as seguintes tarefas: “definir o tema da UE; definir ou reformular os objetivos de aprendizagem a alcançar e os conteúdos a trabalhar durante a unidade, onde os objetivos de aprendizagem referenciados anteriormente serão terminais no final da UE, correspondendo aos objetivos intermédios previstos no PAT; definir o número de aulas da unidade, em que o número de aulas previstas para cada UE deve ter em consideração a complexidade dos objetivos visados e o tempo disponível; definir o modelo de ensino a seguir, através a definição dos métodos e estilos de ensino, o tipo de exercícios, o quadro competitivo e a avaliação; definir a função didática de cada aula, onde as primeiras aulas terão uma função principal de avaliação diagnóstica e as últimas de consolidação e avaliação sumativa, as aulas intermédias têm uma função de aprendizagem e exercitação ou de consolidação e aplicação; definir a estrutura organizativa geral da turma, ou seja, o número e constituição dos grupos de trabalho e formas específicas de organização; fazer o levantamento dos espaços e dos materiais necessários para a lecionação das aulas; distribuir os objetivos e conteúdos pelas aulas; construir com coerência o modelo de ensino a seguir, os objetivos a perseguir e o tipo de exercícios a realizar, bem como um programa pormenorizado de avaliação.”

Assim sendo, e tendo em conta as premissa enunciadas, pude melhorar significativamente as minhas UE de forma a potenciar a evolução dos alunos, tendo também tido oportunidade de retificar alguns erros de diagnóstico e consequente prognóstico, feitos inicialmente.

2.1.2 Avaliação

Carvalho (1994), assume a avaliação como um processo de recolha de dados, que permita não só aos professores como também aos alunos, adaptar a sua atividade e estabelecer prioridades para o ano letivo, no sentido de colmatar as dificuldades de aprendizagem sentidas e controlando assim o processo de desenvolvimento do aluno.

Logo, a avaliação é o regulador do processo de ensino-aprendizagem tornando-se fundamental no planeamento desse processo.

Desde a primeira instancia que utilizei a avaliação formativa como uma ferramenta de trabalho diária com os meus alunos, guiando-os no seu processo de ensino-aprendizagem. Sempre forneci feedbacks aos alunos sobre o que estavam a fazer mal,

o que tinham que fazer para melhorar. Adotei uma postura de partilha com os alunos durante todo o ano letivo, transmitindo-lhes os objetivos terminais, assim como os intermédios para que eles pudessem participar mais ativamente nesta jornada de aprendizagens. Esta preocupação de manter os alunos informados e de os querer a participar no seu processo de ensino-aprendizagem fez com que os alunos se envolvessem mais nas aulas e no seu percurso até atingirem os objetivos previstos para o fim do ano letivo. Uma das estratégias que utilizei foi a auto e heteroavaliação durante as aulas, onde os alunos eram responsáveis por preencher umas fichas com as suas aprendizagens, o que os obrigava a terem conhecimentos sobre os conteúdos, são só pela responsabilidade de se estarem a avaliar como pela responsabilidade de avaliarem os colegas, tendo que identificar erros e fornecer feedbacks sobre o que deveriam estar a fazer. Penso que estas estratégias resultaram muito bem, pois envolveram os alunos no processo de avaliação e fez com que os alunos refletissem sobre os conteúdos, sobre o que faziam, comparando com o que deveriam estar a fazer para atingirem os objetivos para que estavam propostos.

As dificuldades sentidas já foram em parte referidas nas dificuldades da AI e que foram sendo ultrapassadas à medida que encontrava estratégias para tornar o registo e a observação dos alunos mais eficientes.

No final de cada período era preenchida pelos alunos, uma ficha final de autoavaliação, onde podiam fazer comentários sobre a sua avaliação e as aulas e foi muito gratificante ler que os alunos ficaram com a perceção da minha preocupação em ajudá-los a atingir os seus objetivos. Foi também entregue aos alunos uma ficha final em que estavam descritos os objetivos atingidos até ao momento e os que ainda estavam por atingir para o próximo período. Esta estratégia foi muito importante pois localizou os alunos no grau de consecução dos objetivos, tornando-os mais conscientes das suas aprendizagens.

A Avaliação Sumativa (AS) foi baseada no PNEF e nos critérios de avaliação do agrupamento e do GEF mais especificamente nos documentos Critérios de Avaliação em Educação Física e Plano Plurianual de Educação Física realizados pelo DEF. A avaliação da disciplina de EF contempla três áreas: AFD, Aptidão Física (APF) e Conhecimentos.

Dentro da área das AFD, para os alunos terem sucesso necessitavam de estar, pelo menos, no nível I em 5 matérias e no nível E noutra matéria. Posto isto, tornou-se fundamental que um dos objetivos traçados para o ano letivo, consistisse que todos os alunos atingissem o nível I nas matérias que escolheram para serem avaliados.

Relativamente à APF, os alunos do 11º ano de escolaridade, tiveram de estar, no final do ano, dentro da zona saudável em pelo menos três testes da bateria de testes do Fitnessgram, nomeadamente, num teste de aptidão aeróbia, num teste de força média e num teste das restantes categorias (força superior ou flexibilidade).

Por fim, em relação à área dos conhecimentos, esta foi avaliada através de dois trabalhos de grupo, que foram apresentados à turma e de um teste que se realizou na última etapa de aprendizagem. Nestes trabalhos avaliou-se parte da matéria destinada a este ano de escolaridade. O trabalho foi avaliado numa escala de zero a vinte valores (0 a 20) e se o trabalho estivesse cotado com valores iguais ou superiores a 9,5 valores, considerava-se que os alunos estavam aptos na área dos conhecimentos, caso o valor fosse inferior, era considerado não apto e o mesmo se sucedia com o teste escrito que aborda a restante matéria.

A classificação final da disciplina corresponde à classificação obtida na área das AFD desde que o aluno estivesse APTO nas áreas de APF e Conhecimentos. Caso contrário o aluno obteria classificação negativa à disciplina.

2.1.3 Condução

O processo de aquisição e desenvolvimento das competências associadas a um desempenho eficaz da função do professor depende da capacidade do futuro professor testar, em contexto real, o conhecimento construído e modelado na fase da formação inicial, mas também do acompanhamento recebido de profissionais de capacidade reconhecida, sendo estes indispensáveis a uma supervisão pedagógica de qualidade (Onofre, 2003).

As atenções e preocupações dos investigadores, focam-se na observação sistemática do processo de interação pedagógica entre as tarefas do professor e do aluno na sala de aula, com o objetivo de identificar as relações com o resultado das aprendizagens, tendo por base as modificações que os alunos manifestam a longo e curto prazo. Assim sendo, e segundo Carreiro da Costa (1984), a atividade pedagógica do professor influencia a atividade pedagógica do aluno, sendo esta a responsável direta pelo nível alcançado nas aprendizagens. É então lógico que a condução de ensino seja a área com mais influência nas aprendizagens dos alunos, onde a responsabilidade do professor é a orientação e gestão do ensino. Logo, é também a partir da forma como o professor faz essa gestão que se verifica ou não o alcance dos objetivos propostos para os alunos. Um professor pode ter todas as capacidades de planeamento até ao mais ínfimo pormenor, mas se não tem a capacidade de, na prática, transmitir aos alunos

corretamente os conhecimentos, então os alunos não vão adquirir as competências necessárias com a mesma eficácia. Tendo isto em consideração, foi sempre uma preocupação ao longo de todo o ano letivo, em ser clara e competente a lecionar os vários conteúdos, das diferentes áreas e matérias da EF, utilizando diferentes estratégias de verificação da compreensão dos conteúdos por parte dos alunos, assim como material de apoio variado.

Ao longo do ano letivo estruturei a minha ação sobre as dinâmicas desenvolvidas na sala de aula, baseando-me nas dimensões de intervenção pedagógica apresentadas por Siedentop (1989, citado por Onofre, 2003) – organização, instrução, clima, disciplina. Em todos os momentos de reflexão sobre as aulas, debruçava-me sobre estes quatro parâmetros para organizar a minha análise das aulas.

Penso que é importante destacar que é neste conjunto de objetivos e competências onde acredito que apresento maior potencialidades, quando comparando com as competências existentes nas outras áreas de intervenção do estágio pedagógico, e é também a área que me deu mais prazer. Apesar do nervosismo inicial, sempre soube que esta era a competência com a qual eu tinha mais contacto e experiência.

Penso que a parte da organização das aulas foi uma tarefa que foi ficando mais fácil à medida que o ano letivo decorria. No início a organização tinha como objetivo criar rotinas de trabalho para as aulas, de modo que os alunos já soubessem o que fazer quando chegassem à aula. Todos sabiam que tinham que estar sentados em meia-lua à minha frente para eu poder fazer a chamada e começar a instrução. Deixei claro desde o início que havia regras e que eram para cumprir, o sinal primordial de início ou paragem das tarefas era o assobio sonoro forte. No início a voz tinha que ser de comando, não necessitei de adequar a linguagem pois a faixa etária permitia o uso de linguagem técnica e formal, no entanto em termos de instrução constatei que teria que reduzir o tempo de instrução pois o período de concentração era reduzido.

Para determinadas matérias senti a necessidade de organizar as aulas por estações, pois com o número elevado de alunos foi uma boa estratégia para os ter sempre em tempo de prática e para a aula ser dinâmica. Em termos de organização espacial, aquando a minha instrução insisti na importância da reunião rápida e organizada ao pé de mim e tive o cuidado de os virar de costas para as outras aulas, ou atividades que estivessem a haver perto da aula. Tentei sempre usar o espaço destinado à aula da melhor maneira possível, utilizando todo o espaço, potenciando o

uso do material e sensibilizando os alunos para a importância do respeito pelo material, no sentido de o preservar. Uma estratégia que deu resultado e que mantive ao longo do ano foi a formação prévia de grupos. Na maior parte do ano letivo criei grupos de nível, que penso que aconteceu naturalmente devido à natureza das aulas que impunha a existência de grupos de nível de modo a poupar tempo despendido em organização durante a aula e a potenciar as aprendizagens, podendo dar objetivos diferentes para cada grupo.

As medidas organizativas estiveram sempre contempladas nos planos de aula, de forma a ter o controlo e gestão de aula facilitados, aumentando o tempo de prática dos alunos. A gestão temporal sempre foi uma tarefa relativamente fácil para mim, uma vez que tinha experiência dos treinos de uma modalidade desportiva num clube, se bem que inicialmente tive dificuldades no cumprimento do tempo destinado para a instrução inicial, dificuldade que superei utilizando a estratégia de escrever palavras-chave que me lembrassem do que tinha que dizer, cingindo-me apenas ao essencial para a aula. A organização dos alunos por grupos no início do ano letivo, antes do momento para os organizar por grupos de nível foi outra dificuldade que tive, por um lado quis misturá-los tendo em conta as suas relações sociais, para promover a interação entre os vários alunos que percebi que se relacionavam menos, mas o resultado foi alunos com pouco entusiasmo pelas atividades. Para solucionar, optei por ter uma conversa com os alunos sobre o assunto e explicar-lhes a importância de incluir todos os alunos e de se darem todos bem dentro da turma e resultou muito bem. Inclusive no fim do ano letivo, vários alunos confessaram-me que foi graças à minha insistência em colocá-los em grupos misturados que fez com que passassem a gostar mais de determinados colegas da turma.

Os estilos de ensino de comando e de tarefa, inicialmente foram os mais utilizados ao longo do ano, mas assim que a confiança na gestão da turma foi aumentando, foram adotados estilos que promoveram a autonomia dos alunos, tal como a descoberta guiada, que usei, por exemplo, na ginástica Acrobática, na Escalada e na Orientação, tendo em conta a natureza destas matérias. Concluí que foi propício para a aprendizagem dos alunos, que eles procurassem e encontrassem várias soluções para os problemas colocados, tendo utilizado esta estratégia em várias ocasiões que o justificaram. O estilo por comando foi mais usado no início e no final das aulas pois geralmente comandi o aquecimento, os alongamentos e a condição física a realizar. A parte principal da aula foi composta por exercícios com um carácter mais de tarefa, com

critérios definidos, para eu ter mais autonomia e disponibilidade para acompanhar as tarefas.

Nas aulas de ginástica de solo e acrobática também utilizei exercícios onde predominaram o estilo de ensino recíproco. Ou seja, coloquei os alunos a pares, um a executar e o outro a ajudar e corrigir, de modo a que pudessem fazer críticas construtivas um ao outro para potenciar as aprendizagens através da apropriação dos conteúdos/aspectos críticos de cada matéria/disciplina/elemento.

Ao longo do tempo usei os estilos de ensino que me permitiram fazer uma melhor gestão da aula e dos alunos ido sempre ao encontro dos princípios pedagógicos e procedimentos didáticos. Tentei usar outros estilos de ensino para proporcionar novas experiências aos alunos, principalmente divergentes, para proporcionar autonomia aos alunos. Em todas as aulas tentei que as minhas instruções fossem claras e concisas de modo a garantir que os alunos compreendessem as atividades propostas. Adicionalmente, optei várias vezes pela demonstração pois conclui que aumentava bastante a compreensão dos alunos sobre a tarefa a realizar. Por outro lado, nos balanços do final da aula, inicialmente utilizava pouco o questionamento, mas após o feedback do professor orientador comecei a utilizá-los mais e o que se mostrou uma estratégia de extrema eficácia e utilidade na aquisição dos conteúdos da aula. Para colmatar esta falha, utilizei a estratégia do questionamento, não só ao nível das questões a colocar mas também a quem as iria colocar.

A partir do momento em que as questões da gestão da aula ficam resolvidas, as prioridades do professor podem mudar e o professor pode focar-se noutros aspetos importantes da aula como os procedimentos de acompanhamento ativo da atividade de aprendizagem dos alunos, nomeadamente as estratégias de observação/diagnóstico e forma de feedback pedagógico. Posto isto, tentei ao máximo mostrar o meu interesse em que todos os alunos fossem bem-sucedidos nas suas aprendizagens, individualizando a minha intervenção através de um acompanhamento ativo das aprendizagens de cada um, dando feedbacks pertinentes, com muito mais conteúdo. Este foi um dos principais feedbacks dado pelo professor orientador e a estratégia usada foi o estudo autónomo mais aprofundado das matérias para poder intervir com feedbacks mais ricos em termos de conteúdo. Outro aspeto que foi uma prioridade para o meu processo de formação, foi a minha intervenção à distância, através de feedbacks, e a minha presença durante a aula. Segundo Onofre (1995), o FB pedagógico está

intimamente relacionado com o acompanhamento das atividades propostas. Deste modo tornou-se importante:

“a) Garantir o controlo da actividade de toda turma; b) Controlar as várias situações que ocorrem simultaneamente numa aula; c) Supervisionar de forma activa a actividade dos alunos que estão mais afastados do professor; d) Conseguir que os alunos identifiquem as suas dificuldades ou capacidades concretas na realização da actividade de aprendizagem na aula; e) Garantir que cada aluno tenha uma informação actualizada sobre como está a aprender; f) Garantir o equilíbrio entre uma informação individualizada sobre as dificuldades de aprendizagem, e o mesmo tipo de informação para o grupo de alunos; g) Assegurar a participação dos alunos na ajuda ao professor nas diferentes actividades da aula; h) Garantir que os alunos tenham a noção do que realizam correctamente durante toda a aula; i) Garantir que os alunos relacionem as acções de aprendizagem que realizam com os resultados dessas acções; j) Garantir que os alunos saibam a forma como devem realizar a actividade após terem cometido um erro; k) Garantir que os alunos não continuem a cometer os erros que lhe foram identificados; m) Garantir que os alunos sejam capazes de identificar por eles próprios vários aspectos relacionados com a sua aprendizagem; n) Garantir que o máximo de alunos sejam inquiridos sobre as actividades da aula; o) Respeitar o tempo óptimo para que os alunos respondam as questões que lhe são colocadas; q) Garantir um nível elevado de empenhamento dos alunos na realização da actividade; r) Garantir que os alunos estejam todos em actividade simultaneamente; s) Garantir a manutenção do ritmo de actividade dos alunos quando os informa sobre a maneira como estão a realizar os exercícios de aprendizagem”.

Por fim, o ciclo do feedback foi também aperfeiçoado, pois inicialmente tinha bastantes dificuldades em fechar o ciclo, uma vez que me sentia assoberbada pela quantidade de situações a acontecerem ao mesmo tempo e o facto de querer prestar atenção a todas ao mesmo tempo. Penso que a minha evolução nestes aspetos foi muito positiva. Por outro lado, continuei sempre a investir neste aspeto fazendo um estudo prévio mais aprofundado das matérias, pela utilização de vários tipos de feedback e da rentabilização dos mesmos, dirigindo-me mais vezes ao grupo de

trabalho/nível e menos ao indivíduo. Este último aspeto está relacionado com o facto de eu individualizar muito a minha intervenção, o que não é propriamente negativo, mas pode torná-la demasiado repetitiva e sem necessidade. Quando me comecei a dirigir ao grupo para corrigir um erro comum, poupei tempo para poder utilizar de forma mais produtiva no processo de ensino-aprendizagem dos restantes alunos. Assim, tal como referi, a preocupação da emissão do FB passou de ser dar muitos feedbacks, para menos feedbacks mas com mais conteúdo e adequação à situação e fecho do ciclo do feedback.

Sempre que houve um comportamento de desvio, que é diferente de indisciplina, chamava os alunos em questão à atenção e geralmente fazia-o perante os outros alunos de maneira a servir de exemplo para os restantes e os alunos mudaram os seus comportamentos, até porque foram situações pontuais. No entanto houve um aluno em particular cujo interesse pela disciplina diminuiu ao longo do ano letivo e por vezes tinha comportamentos inapropriados e não reagia muito bem às chamadas de atenção, tentando argumentar. Com a melhoria da minha presença na turma e dos feedbacks à distância, notou-se uma melhoria no comportamento da turma em geral. E em relação a esse aluno em particular a situação foi resolvida em conjunto com a diretora de turma pois a situação era bastante complexa a nível familiar.

Fiz sempre os possíveis para garantir um clima positivo de aprendizagens. A turma por si só era geralmente empenhada e motivada mas para garantir que assim continuava organizei as aulas de maneira a ter exercícios estimulantes, motivadores e com alguma competição. Outra estratégia que usei foi ir mudando os grupos, permitindo por vezes, que os amigos ficassem juntos, desde que não perturbassem a aula e continuassem empenhados nas tarefas. No que diz respeito à minha relação com os alunos, acho que a melhor maneira de a promover foi mostrar que me interessava pelas suas aprendizagens e que tudo o que queria era ensiná-los e guiá-los ao sucesso nas aprendizagens da disciplina. Neste sentido, e a minha relação com eles cresceu ao longo do ano letivo e era comum os alunos quererem ficar na aula depois da mesma terminar.

Apesar de considerar que a turma tem bastantes alunos, tentei manter um registo constante das evoluções dos alunos nas matérias que escolheram para serem avaliados, no sentido de conseguir adequar os conteúdos das tarefas às necessidades de cada aluno, criando variantes de facilidade e dificuldade para cada aluno em cada exercício. Foi aqui que surgiu uma dificuldade, revelou-se muito difícil registar durante

a aula, portanto optei por registar após as aulas e resultou apesar de às vezes ter dificuldade em relembrar tudo sobre todos os alunos.

A condução de ensino e o contacto com os alunos foi sem dúvida a parte que mais me motivou ao longo do ano letivo, logo a perspetiva de ter uma semana em que pudesse ter o horário completo e contacto com várias turmas foi motivo de entusiasmo. Nesta semana tive oportunidade de planear e lecionar de forma intensa. Sinto que apesar das turmas desafiantes a que dei as aulas, consegui marcar positivamente os alunos com quem tive a oportunidade de contactar e graças a eles e aos professores, senti-me mais competente no fim desta semana.

É extremamente importante para um professor ter novos desafios e problemas para resolver, para não se acomodar. Tendo só uma turma, dando aulas apenas duas vezes por semana, planeando apenas para ela, e principalmente se houver problemas que não estão a ser resolvidos, o professor pode ficar desmotivado, e as soluções que encontra para as outras turmas, podem ajudar nos problemas das outras.

Esta semana foi de facto uma experiência enriquecedora para o meu processo de aprendizagem e de formação neste estágio pedagógico. Fui desafiada nas minhas dificuldades e penso que consegui responder da melhor maneira e consegui ultrapassá-las. Penso que para esta semana ser um sucesso a fase de planeamento é fundamental para uma condução das aulas mais eficaz. Este planeamento revela-se importante na medida em que representa uma reflexão sobre toda a aula antes desta acontecer, podendo antecipar possíveis problemas e situações às quais temos que dar mais atenção. Durante este planeamento o professor deve refletir sobre a distribuição das estações pelo espaço da aula, sobre a distribuição dos alunos pelos grupos de maneira a não comprometer a consecução dos objetivos definidos para os alunos. Quando fiz o planeamento desta semana, também deveria ter refletido sobre as dificuldades/facilidades dos alunos, para definir prioridades de acompanhamento, mas tal mostrou-se muito difícil pois apenas reuni com a professora Marília para falarmos sobre os alunos para os poder agrupar em grupos de nível. A estratégia que eu utilizei foi pedir aos professores que fizessem os grupos por níveis conforme os objetivos definidos para a aula.

Durante a condução das aulas e o acompanhamento das atividades, as estratégias que utilizei foram diferentes de turma para turma pois apresentavam características diferentes. Numa das turmas optei por parar, por várias vezes a prática motora para demonstrar os principais erros dos alunos e demonstrar como é que se

realizava corretamente. Noutras turmas bastou o feedback individual sem necessidade de para a prática.

Esta semana tinha como propósito adicional desafiar-me nas minhas dificuldades, colocar-me em situações que normalmente não sou colocada tendo em conta as características da minha turma e as turmas foram escolhidas para atingir esse propósito. Assim sendo penso que consegui ultrapassar as minhas dificuldades e responder de forma positiva ao desafio.

Acabo esta semana intensa sabendo que sou uma professora mais completa, mais responsável, com uma melhor noção do que é o trabalho de um professor de Educação Física a tempo inteiro.

2.2 Área 2 – Inovação e Investigação

O Guia de Estágio (2014) refere que nesta área deve privilegiar-se o desenvolvimento das competências relacionadas com a participação em estudos e projetos de investigação-ação estreitamente ligados ao contexto escolar, para favorecer o desenvolvimento de competências de inovação profissional do estagiário ao longo da sua carreira.

Assim sendo, também estão previstas competências e tarefas que os professores estagiários devem adquirir e realizar nesta área: projetar estudos de investigação-ação integrados na escola e respetivos contextos; organizar o processo de construção de competências sociais e profissionais, na perspetiva do seu desenvolvimento ao longo da vida e da diversidade das realidades nacionais e internacionais. (Guia de Estágio, 2014) É então pressuposto que os professores estagiários, após a aplicação dos seus projetos, adquiram estas competências relacionadas com a investigação educacional, nomeadamente a metodologia e os procedimentos próprios de cada um dos paradigmas e estratégias de investigação. Como tal, os professores estagiários devem conhecer os procedimentos essenciais de operacionalização de uma investigação.

Uma investigação é um processo de inquirição conduzido por quem está diretamente envolvido com a finalidade de implementar uma mudança numa determinada situação (Diniz & Rodrigues, 2014). Para Quivy e Campenhoudt (2008) uma investigação tem 7 etapas de procedimento:

Etapa 1: Pergunta de Partida - onde se deve formular a pergunta de partida respeitando as qualidades de clareza, de exequibilidade e de pertinência;

Etapa 2: A exploração – onde devem ser feitas as primeiras leituras sobre o tema de investigação e as primeiras entrevistas exploratórias;

Etapa 3: A problemática – onde se deve definir uma problemática;

Etapa 4: A construção do modelo de análise onde se deve definir as hipóteses de estudo e contruir os conceitos precisando as dimensões e indicadores;

Etapa 5: A observação – onde se deve limitar o campo de observação, conceber o instrumento de observação, testar esse mesmo instrumento e proceder à recolha de informações;

Etapa 6: A análise das informações – onde se deve descrever e preparar os dados para a análise, medir as relações entre as variáveis, comparar os resultados esperados com os resultados observados e procurar o significado das diferenças;

Etapa 7: As conclusões – onde se recapitula o procedimento e são apresentados os dados pondo em evidência os novos conhecimentos e as consequências práticas.

No nosso caso, no momento em que chegámos à escola e após uma conversa com o orientador, deparámo-nos com um problema que captou de imediato a nossa atenção, o facto de os alunos chegarem aos níveis de ensino mais avançados com poucas bases ao nível da EF e que isto poderia ser justificado pelo facto de durante o 1º ciclo do ensino básico, terem poucas experiências relacionadas com a disciplina. Tivemos também o conhecimento da implementação de um projeto no DEF, relativamente ao 1º ciclo do ensino básico que consiste no auxílio, por parte dos professores de EF do AEC, na lecionação da área de Expressão e Educação Físico Motora (EEFM). Apesar de este projeto já estar a ser implementado, não eram conhecidos os motivos que levaram os professores do 1º ciclo a não lecionar a área de EEFM. Estávamos então perante o nosso problema, o facto de não ser lecionada a área de EEFM no 1º ciclo do Ensino Básico pelos professores titulares das turmas.

Quando um grupo de investigadores tem como objetivo encontrar a resposta a uma determinada problemática é necessário iniciar o seu processo de investigação com a definição da pergunta de partida. Pergunta esta que deve respeitar 3 qualidades (Quivy & Campenhoudt, 2008): qualidades de clareza; qualidades de exequibilidade; qualidades de pertinência.

Assim sendo, tendo em consideração os parâmetros já mencionados definimos a seguinte pergunta de partida:

“Por que motivo não é lecionado a área de Expressão e Educação Físico Motora nas Escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico?”

O passo seguinte à identificação do problema, e para o caracterizar o melhor possível, foi definir as variáveis a estudar para procurarmos saber quais os motivos que levam os professores a não lecionarem a área de EEFM, estas variáveis, foram: Género, Idade, Formação Inicial, Experiências Anteriores na Educação Física enquanto aluno, Prática de Atividade Física, Recursos Espaciais e Materiais/Espaços da escola e por fim, a Perceção dos professores relativamente ao bloco de EEFM.

Nesta etapa concebemos ainda um instrumento para objetivar o problema, que culminou num questionário que teve como população alvo os professores titulares, e este questionário foi validado por uma professora do 1º ciclo que afirmou que o questionário estava direto e de fácil compreensão. Este questionário consistiu numa série de questões de recolha dos dados dos professores e maioritariamente em afirmações/questões cuja resposta era dada através de uma escala de Likert. A construção destas questões foi a maior dificuldade para o NE pois foram feitas de raiz e consumiu-nos bastante tempo, tendo sido necessárias várias tentativas para as questões ficarem exatamente como queríamos e sem ambiguidades.

Passámos também por um período de entrega dos questionários, em que visitamos as várias escolas tendo pedido aos professores para os preencherem no próprio momento. Numa escola, a professora responsável não se encontrava na escola, portanto deixámos os questionários e fomos recolhê-los mais tarde. Deparámos-nos com alguns problemas, principalmente ao nível da compreensão das perguntas por parte das professoras e por acharmos que algumas respostas não correspondiam à realidade das escolas. Várias professoras responderam que sempre que estava bom tempo lecionavam a área de EEFM, no entanto não tinham material ou espaço para o efeito. Através de conversas informais com as auxiliares e outros professores, apercebemo-nos que muitas das respostas foram dadas tendo em conta o que seria correto fazer, e não o que de facto acontecia no dia a dia da escola e dos alunos.

Nesta área penso que o grupo de estágio deveria ter validado o questionário com mais professores e prestado um melhor acompanhamento no preenchimento, talvez fazendo uma introdução a todas as perguntas, lendo o questionário em voz alta para todos os professores para diminuir os erros de preenchimento por incompreensão das questões.

O passo seguinte foi introduzir os dados no software de análise estatística (SPSS), que foram posteriormente interpretados e comparados com a literatura de referência sobre o tema em questão. Depois de analisarmos os resultados dos questionários, sentimos a necessidade de elaborar uma entrevista para aplicar às coordenadoras das escolas para colmatar algumas falhas nos resultados e para também percebermos melhor a opinião das professoras relativamente ao ensino da área de EEFM.

Seguiu-se o passo mais importante e mais desafiante, a preparação de uma sessão de apresentação do estudo à comunidade. A principal dificuldade foi a elaboração da apresentação propriamente dita, pois os resultados eram extensos e alguns de difícil compreensão, e foi também a única vez que os professores estagiários tiveram opiniões

muito diferentes sobre a forma como seriam apresentados os conteúdos, levando bastante tempo a chegar a um acordo. No entanto conseguimos concluir a apresentação com sucesso. A divulgação ocorreu principalmente nas redes sociais, mas também pessoalmente e através de cartazes espalhados pela escola. No dia da sessão, arranjámos a sala de reuniões, colocámos uma mesa para os convidados especiais e oferecemos a comida e bebidas para o *coffee break*. A apresentação correu bem, penso que fomos claros, o debate foi muito interessante e houve uma boa adesão por parte da audiência e dos convidados.

Acho que um dos pontos mais positivos foi o trabalho em equipa que conseguimos desenvolver, apesar das diferenças de opinião, e o facto de termos conseguido sensibilizar os convidados para a pertinência das questões nosso estudo abordava.

Penso que o balanço das atividades realizadas nesta área é muito positivo, deparámo-nos com algumas dificuldades que já só poderemos superar num próximo projeto, mas a reflexão sobre elas está feita e já enriquecemos o nosso processo pedagógico. Ficou claro para os professores estagiários que a área da EEFM é de extrema importância no 1º ciclo de escolaridade no desenvolvimento de competências básicas a nível motor. Foi também frisado o facto de a área de EEFM não ser lecionada com a frequência e volume que é estipulado por lei se deve ao facto de as professoras acharem que o currículo das outras disciplinas é muito extenso e as professoras têm que optar e pela falta de condições nas escolas em termos de espaços e materiais para a leção das aulas.

Penso que é um tema do interesse de todos os intervenientes e que vem contribuir para a sensibilização da importância da leção do bloco EEFM no 1º ciclo e para ajudar os professores titulares nas suas aprendizagens dando-lhes soluções para os problemas que os levam a não lecionar o bloco de EEFM.

2.3 Área 3 – Participação na Escola

Esta área visa as atividades que foram desenvolvidas no seio da escola e, segundo o Guia de Estágio, deve reportar-se ao desenvolvimento de competências relacionadas com dois âmbitos preferenciais de intervenção profissional: a conceção e dinamização de atividades de DE ou de atividades de enriquecimento curricular de carácter sistemático e a conceção, implementação e avaliação de uma atividade de dinamização da escola.

As atividades dinamizadas na escola são, na sua maioria, organizadas pelo DEF, no entanto foi da iniciativa do NE, dinamizar duas atividades na escola, a Páscoa Desportiva e o Peddy Paper da Família. Destas atividades apenas a Páscoa Desportiva foi realizada, assim como o Dia do Voleibol que já constava no PAA do DEF. Foi também organizada e implementada uma viagem de intercâmbio à Ilha da Madeira, para os grupos equipas do DE de voleibol masculino e feminino, nos escalões de juvenis e juniores, na qual eu também participei.

É através das atividades ligadas ao desporto e à atividade física que os alunos vivenciam as mais variadas experiências que contribuem para o seu desenvolvimento harmonioso, isto é, em todas as dimensões: social, pessoal, física e académica. É então de extrema importância que o professor seja um facilitador deste processo de desenvolvimento harmonioso dos alunos. Para isso, o professor deve ser próximo dos alunos, dedicado às suas necessidades, e deve proporcionar-lhes as oportunidades para eles colocarem em prática os seus conhecimentos e habilidades, aumentando-lhes o sentimento de autoeficácia.

Como professora estagiária, procurei estar ligada de uma forma intensiva e sistemática a todas as atividades desenvolvidas na escola, ao nível da educação física. Assim sendo, fomentei uma relação de proximidade com vários alunos da escola, principalmente os que pertenciam ao núcleo de DE de voleibol.

Assim sendo, participei ativamente na coadjuvação do planeamento, na condução e avaliação do núcleo de DE de voleibol, nos escalões de juvenis e juniores femininos. Colaborei na organização e gestão dos torneios e dias das diferentes modalidades, nomeadamente as do torneio da turma. Organizei, com o restante NE, o torneio de voleibol no Dia do Voleibol, onde tivemos a ajuda preciosa do professor orientador, que nos forneceu o quadro competitivo para os jogos. O NE participou também, na organização e implementação da II Gala de EF e DE, que também pode ser considerada uma atividade da área 4, uma vez que foi para toda a comunidade escolar, assim como toda esta área

pode estar relacionada com a área 4 em vários aspetos, por exemplo, uma atividade de DE, como um jogo de um grupo equipa, pode ser assistido pelos EE e família do aluno, que apoiam e estão envolvidos nas atividades da escola.

2.3.1 Desporto Escolar

“Entende-se por desporto escolar o conjunto das práticas lúdico-desportivas e de formação com objecto desportivo desenvolvidas como complemento curricular e ocupação dos tempos livres, num regime de liberdade de participação e de escolha, integradas no plano de actividade da escola e coordenadas no âmbito do sistema educativo.”

(Decreto-Lei nº95/91 de 26 de Fevereiro)

Assim, para além das funções gerais ao nível do ensino, da gestão e da administração escolar, o profissional de EF deverá assumir cargos no âmbito do DE, bem como a conceção, implementação e avaliação de atividades de formação desportiva. (Carreiro da Costa, 2002)

A missão do DE é proporcionar o acesso à prática desportiva regular de qualidade, contribuindo para a promoção do sucesso escolar dos alunos, dos estilos de vida saudáveis, de valores e princípios associados a uma cidadania ativa. (Direção-Geral da Educação, 2013)

Tendo em consideração que a escola é a referência para todas as crianças e jovens, torna-a o meio primordial para a promoção da atividade física e do desporto, tendo o DE uma importância acrescida na medida em que as relações do DE com a comunidade escolar não só são necessárias como indispensáveis. Deste modo, iniciarei a análise e reflexão do trabalho desenvolvido nesta área pela participação e dinamização do DE.

Contextualizando este âmbito, o núcleo de DE que escolhi foi o de voleibol que já tem bastante tradição no agrupamento, principalmente na escola secundária, logo é bastante procurado pelos alunos, em todos os escalões. O meu trabalho foi centrado nas atletas dos escalões juvenis e juniores de modo a enriquecer os meus conhecimentos e experiência na modalidade, permitindo que fosse uma efetiva oportunidade de formação na medida em que foi possível adquirir um grande domínio pedagógico e didático sobre esta matéria, o que se revelou de extrema importância para a lecionação do voleibol tanto nos treinos como em contexto da disciplina de EF.

Os objetivos do DE devem estar sempre em concordância com os objetivos e metas gerais descritos no PE. Assim sendo, o planeamento do DE, descrito no projeto da área 3, foi realizado com uma estrutura anual semelhante ao planeamento para a lecionação de EF, denotando-se uma primeira fase de AI, seguida de um conjunto de mesociclos, com diferentes objetivos. Além dos objetivos ao nível da técnica, foram estipulados vários objetivos gerais de formação pessoal e inter-relacional das alunas: incutir o espírito de equipa e de *fair-play*; promover a interajuda e cooperação entre as jogadoras, enquadrando as jogadoras novas na equipa; incentivar a responsabilidade e compromisso com uma equipa desportiva; promover o espírito competitivo e desportivo de acordo com as regras de conduta e da modalidade; promover estilos de vida ativos.

Assim sendo, cada mesociclo constituiu um período temporal intermédio que estava destinado a preparar para uma determinada competição. Após o período de AI, procedeu-se ao planeamento anual de todo o núcleo de voleibol para os dois escalões. O nível técnico era muito heterogéneo entre as alunas, senti a necessidade de criar dois grupos de nível, independentemente do escalão, de forma a poder trabalhar objetivos distintos adequados às necessidades dos dois grupos. Numa fase inicial, procurei perceber a forma de trabalhar do professor responsável pelos dois escalões, assim como a metodologia utilizada para os treinos e com o avançar dos treinos, fui ganhando autonomia. Senti a necessidade de aprofundar o meu conhecimento ao nível de exercícios mais básicos e iniciais para as alunas com mais dificuldades, o que me levou a estudo autónomo sobre a modalidade de modo a tornar todo o processo adequado às características e necessidades das alunas. Passada esta fase inicial, geralmente fui eu a dar início ao treino, auxiliando os alunos com a montagem dos campos e dando o aquecimento, e quando foi necessário tive autonomia para liderar o treino até ao fim.

Dentro dos processos de instrução, principalmente ao nível do feedback, a minha intervenção com os grupos de trabalho incidiu nas componentes críticas dos gestos técnicos, principalmente no grupo com um desempenho técnico inferior, assim como na adequação do mesmo em função de cada situação, no outro grupo de nível, a minha intervenção por vezes foi mais direcionada para os deslocamentos e posicionamento na defesa e receção ao serviço. Uma das estratégias que teve mais sucesso e maior impacto positivo nas aprendizagens das alunas foi colocar-me atrás delas, agarrando-lhes nas camisolas e movimentando-as conforme a deslocação da bola. O clima dos treinos foi bastante positivo, as alunas foram assíduas e empenhadas e nunca houve momentos de indisciplina.

Em relação às competições, acompanhei as duas equipas aos sábados de manhã nos vários torneios onde realizaram pelo menos dois jogos e ambas as equipas tiveram grande sucesso. A equipa de juvenis perdeu apenas um jogo contra uma equipa que apresentou jogadoras com um nível superior ao das restantes equipas por estas fazerem parte de uma equipa federada. A equipa das juniores ganhou todos os jogos, tendo passado à fase seguinte, que por motivos de falta de comparência de outras equipas, se cingiu apenas a uma final contra a Escola Secundária Gago Coutinho. Este jogo foi uma final emocionante, onde as alunas estiveram muito bem, mostrando o desempenho acima da média, fazendo o seu melhor jogo da época, no entanto perderam por 3-2.

O acompanhamento deste núcleo de DE superou as minhas expectativas devido às relações pessoais que desenvolvi com a maior parte das alunas, e às aprendizagens e competências que adquiri, as quais foram úteis também para as competências previstas na área 1 do estágio pedagógico, tornando esta interligação entre áreas imprescindível e de extrema importância para a formação eclética de um profissional de EF.

2.3.2 Atividades Dinamizadas

No que diz respeito às ações de intervenção na escola, o NE sempre foi um grupo ativo, dinâmico e proactivo, e tendo ficado responsável pela organização e implementação de duas atividades. No dia 22 de janeiro, foi realizado o Dia do Voleibol, e na semana de 23 a 27 de março foi realizada a Páscoa Desportiva. No entanto foram inúmeras as atividades nas quais o NE participou e ajudou, tanto ao nível do DE, como da disciplina de EF e torneios específicos de cada modalidade.

2.3.2.1 *O Dia do Voleibol*

Todos os anos a ESC realiza um torneio denominado Torneio da Turma, o qual é composto por vários torneios das modalidades com mais sucesso na escola. No início do ano letivo, o DEF determina as datas para os torneios, estando cada data destinada a uma única modalidade, ficando com o nome da mesma. Assim sendo, o NE ficou incumbido de organizar e ser responsável pelo torneio a ser realizado no Dia do Voleibol. Esta atividade acabou por ser um desafio enorme tendo em conta que o NE não tinha experiência neste tipo de eventos. Por esse motivo, foi uma oportunidade de desenvolver competências ao nível da organização e concretização de projetos desportivos, que irão ser uma mais-valia no decorrer da função profissional como professores de EF.

O Dia do Voleibol realizou-se no dia 20 de Janeiro de 2015 para as equipas de alunos do 8º ao 12º ano de escolaridade. As equipas do 8º ano foram formadas por duplas e

competiam entre si, ou seja, no mesmo quadro competitivo. As equipas dos restantes anos letivos eram formadas por quatro alunos, e competiram no mesmo quadro competitivo. Durante o decorrer do torneio cada um dos professores estagiários ficou responsável por uma tarefa, eu fiquei responsável pelo quadro competitivo, por confirmar se as equipas estavam presentes, por indicar os jogos em cada campo, fazer os respetivos boletins de jogos e nomear os árbitros. A principal estratégia foi ter tudo preparado com antecedência para poder resolver os imprevistos que iam surgindo. Foi da responsabilidade do NE a realização de um plano de atividade, a criação de cartazes do evento, a divulgação da atividade na escola junto dos alunos e dos professores, a recolha das inscrições das equipas, a realização do regulamento do torneio e a organização do material.

O torneio, apesar de já se realizar há alguns anos, continua a estar assente em objetivos que promovam o envolvimento dos alunos na vida escolar como: dar oportunidade aos alunos para aplicarem os conhecimentos e habilidades adquiridos nas aulas de EF, complementar a atividade letiva, promover o gosto e a prática da modalidade, e promover o fair-play.

O número de participantes foi bastante elevado, o que reflete o trabalho de divulgação e incentivo à participação por parte de todos os professores do DEF. O facto de termos confirmado as equipas participantes no início do torneio, facilitou bastante todo o trabalho logístico referente ao quadro competitivo. Os jogos decorreram no tempo previsto, não tendo havido atrasos significativos, o que reflete a boa organização do torneio e eficácia do NE na sua organização e capacidade de trabalho. Durante os jogos foi muito visível a motivação dos alunos e a vontade de jogar mais jogos, o que foi difícil de gerir pois as equipas eram muitas, e o quadro competitivo já estava feito de forma a cada equipa jogar o máximo de jogos possível.

Por fim, considero que o torneio correu de acordo com os objetivos e as expectativas, de forma organizada e eficaz, havendo um clima de respeito por todos os elementos da organização. Para enfatizar mais uma vez a interligação entre a área 1 e 3, é de referir que a minha turma de estágio apresentava algumas dificuldades na matéria de voleibol e através de bastante motivação e incentivo e trabalho específico, consegui que se organizassem e participassem no torneio, uma equipa de cada género, tendo a equipa dos rapazes integrado o núcleo de voleibol durante o resto do ano letivo.

2.3.2.2 *Páscoa Desportiva*

A Páscoa Desportiva consistiu na realização, por parte dos alunos pertencentes ao DE do AEC, de várias atividades desportivas durante o período de férias da Páscoa. As finalidades desta atividade foram proporcionar aos alunos a prática desportiva de modalidades menos conhecidas por parte dos alunos, porque não têm tantas oportunidades de as praticar nas aulas EF e promover a prática de exercício físico nos períodos de férias escolares. Teve como objetivos: promover, através da atividade física o bem-estar físico e mental dos participantes; premiar o esforço e dedicação dos participantes mais ativos do DE; proporcionar aos participantes a descoberta e contacto com várias modalidades desportivas; ocupar um período de férias de maneira saudável; desenvolver as capacidades físicas e motoras dos participantes, através das várias modalidades desportivas; impulsionar a sociabilização de crianças e jovens e fomentar a evolução intelectual, emocional e social dos participantes. Esta atividade foi realizada entre os dias 23 e 27 de Março de 2015, e as aulas decorreram das 9h às 13h, com um intervalo a meio da manhã. Para a lecionação das aulas, foram convidados professor especializados das diferentes modalidades, sendo que a coordenação e a organização das atividades foi da responsabilidade dos professores estagiários.

Para ser concretizado, esta atividade teve que passar por várias etapas de trabalho. Em primeiro lugar o NE fez um planeamento onde foram definidas as atividades a realizar e os professores especializados a convidar, seguido de uma organização do cronograma das atividades tendo como referência os horários disponíveis dos professores, os recursos materiais e espaciais. Foi também necessário a criação de um logótipo para a identificação da atividade. Como uma das turmas atribuídas ao NE era do curso de artes, foi proposta a duas turmas de artes da ESC, a criação do logótipo. Posteriormente foi feita a seleção do logótipo final, analisando todas as propostas que os alunos apresentaram e o selecionado foi convertido em formato digital. A divulgação do projeto foi feita através dos professores responsáveis de cada núcleo de DE, assim como por panfletos criados pelo NE, que criou também as fichas de inscrição e fez a sua recolha uma vez preenchidas. A etapa seguinte foi a implementação do projeto que, apesar de ter sido implementado com sucesso, teve alguns imprevistos. Não atingimos o número de inscrições que tínhamos idealizado (60), consequência de uma divulgação pouco estendida no tempo, neste sentido um dos pontos a melhorar são: uma divulgação mais precoce, a realização de uma circular para ser divulgada nas turmas e mais cartazes espalhados pela escola. Outro ponto a melhorar foi a questão das inscrições, os alunos receberam a ficha de inscrição via-email e tinham que a devolver assinada pelos pais, e algumas inscrições não ficaram arquivadas pois ficaram

retidas em intermediários, a solução seria poderem deixar as inscrições com a funcionária do pavilhão. Para avaliar o projeto, o NE criou questionários de satisfação para os participantes e os professores que lecionaram as aulas responderem. Estes questionários eram respondidos no final de cada atividade. No final da semana, os questionários foram analisados e pudemos concluir que os alunos ficaram extremamente satisfeitos com a atividade, assim como os professores que nela participaram, tanto a lecionar as aulas, como a realizar as atividades propostas. Os pontos negativos apontados foram: duração curta da atividade, condições climatéricas adversas para lecionar nos espaços exteriores. Os feedbacks foram de satisfação foi total, tanto com as modalidades escolhidas, com a organização da atividade, com os professores escolhidos e com o material e o espaço disponibilizado para a prática.

Em suma, com os imprevistos e mudanças na calendarização, as modalidades foram as seguintes: dia 23 de março – Taekowndo e Luta Livre Olímpica; dia 24 de março – Andebol e Voleibol; dia 25 de março – Desportos Outdoor e Capoeira; dia 26 de março – Goalball e Judo; dia 27 de março – Tag Rugby e Desportos de Deslize.

2.3.2.3 *Intercâmbio à Ilha da Madeira*

Desde o início do ano letivo, os professores responsáveis pelo núcleo de De de voleibol, mostraram interesse em fazer uma viagem com o objetivo de fortalecer o espírito de equipa e união entre os alunos que integravam o núcleo em questão. Os alunos dos núcleos de voleibol do AEC têm desde sempre representado uma parte significativa do total da população escolar inscrita e participante no projeto do DE neste agrupamento. Com cerca de 100 alunos no total a praticar regularmente voleibol, o ano letivo de 2014/2015 representa o ano escolar com o maior número de alunos praticantes e maior número de núcleos de voleibol existentes no agrupamento: iniciados masculinos e femininos, juvenis femininos e juniores masculinos e femininos. A possibilidade de os alunos de cada escalão poderem frequentar regularmente, não só os seus horários de treino, mas também todos os horários dos restantes núcleos, tem permitido, além da melhoria dos seus desempenhos individuais, a criação de um espírito de grupo e de união entre todos, o que está na base do sucesso alcançado. O voleibol Caneças é uma “família” composta por elementos que se apoiam e ajudam mutuamente em torno de um espírito coletivo que se tenta e pretende construir diariamente. Foi a este pressuposto de união e coletividade que quisemos dar continuidade através da organização de atividades potenciadoras destes valores, realizadas em contextos diferentes da realidade escolar.

O projeto deste ano foi um intercâmbio desportivo de voleibol com as escolas e clubes da região autónoma da Madeira, através da deslocação de um grupo de alunos dos escalões de voleibol juvenis femininos e juniores masculinos e femininos, a esta região do país. Os objetivos gerais da atividade foram: promover o espírito de equipa, a união e entreajuda entre os diversos alunos dos vários núcleos envolvidos; promover o espírito de superação; promover a autoconfiança ao nível da tomada de decisões; promover a responsabilidade pessoal; promover atividades de contacto com a natureza, contribuindo para um maior envolvimento dos alunos no contacto com o meio ambiente; contribuir para a formação integral do aluno/cidadão promovendo a sociabilização e o saber estar em diversos contextos sociais e educativos. Os objetivos específicos foram: promover a prática de voleibol aos alunos dos núcleos de voleibol do AEC; promover intercâmbios desportivos de voleibol com equipas locais; promover a aplicação e consolidação dos conhecimentos e gestos técnicos de voleibol adquiridos durante os treinos de DE; promover o *fair play*; promover a visita a zonas históricas e de interesse local.

A atividade decorreu entre os dias 2 e 5 de maio de 2015. Os custos da atividade foram divididos entre uma componente individual, em que os alunos tinham que vender rifas e fazer pagamentos mensais (cerca de 40% do valor total da atividade). Para suportar o resto dos custos foram realizadas vendas de comidas e bebidas em todas as atividades das escolas, torneios do DE, torneios de EF, e também algumas atividades organizadas com o intuito de angariar verbas para a viagem, como as maratonas de voleibol que abordo no capítulo seguinte.

Decidi enquadrar esta atividade nesta área por ter sido uma atividade organizada e desenvolvida durante o ano letivo pelos núcleos do DE de voleibol, no entanto, é visível que, pelas suas características, poderia ter sido analisada na área 4. A interligação das áreas está presente pois sem a relação com a comunidade escolar, nos torneios, nos jogos, nas atividades desenvolvidas, que permitiram a angariação de fundos para esta viagem, a atividade não poderia ter sido realizada. A viagem foi uma experiência inesquecível, que atingiu todos os objetivos propostos, os alunos fortaleceram os laços de amizade, evoluíram a nível técnico e desportivo no voleibol e criaram memórias muito positivas sobre esta experiência.

2.3.2.4 *I e II Maratonas Noturnas de Voleibol*

De modo a angariar dinheiro para o Intercâmbio anteriormente referido, o núcleo de Voleibol teve que organizar várias atividades e iniciativas. Duas das maiores e mais ambiciosas atividades foram as maratonas noturnas, que foram uma estreia na escola.

Estas maratonas consistiram em torneios de voleibol de 4x4 que decorreram durante a noite, entre as 20h e as 6h. A primeira maratona foi realizada no dia 6 de Março e a segunda no dia 19 de Junho (já com o objetivo de angariar dinheiro para a viagem do próximo ano letivo). Em ambas as maratonas participei ativamente na sua preparação e durante as mesmas estive responsável pelo quadro competitivo, saindo das minhas funções apenas para jogar, ou para ir ajudar no bar onde também estávamos a vender comida e bebidas com o mesmo objetivo. Foram sem dúvida atividades muito desafiantes mas recompensadoras, não apenas monetárias mas principalmente a nível de realização pessoal.

2.3.2.5 Dia na Quinta da Fonte Santa com os Núcleos de DE de Voleibol

Atividade na Quinta da Fonte Santa costuma ser realizada todos os anos no final do ano letivo para encerrar as atividades do DE de Voleibol que consiste num torneio e num convívio na piscina. Este ano realizou-se no dia 12 de Junho e participaram os professores do próprio núcleo dos vários grupos equipas e os alunos dos escalões: iniciados, juvenis e juniores, tanto masculinos como femininos. Foi realizado um torneio de voleibol de 4x4 e as equipas eram mistas, não só entre rapazes e raparigas como entre os próprios escalões para promover a união entre todo o núcleo de Voleibol.

Eu fiquei responsável pelo quadro competitivo, e por controlar o tempo. Tinha como responsabilidade ir anotando os resultados e as vitórias de cada equipa e dar início e fim aos jogos. Após terminar o torneio houve uma pausa para almoçar, cada aluno levou coisas para almoçar e partilhar com os colegas e a segunda parte do dia foi destinada à piscina.

Foi um dia diferente, com um ambiente mais descontraído que serviu para fortalecer os laços de amizade entre os alunos e como encerramento simbólico das atividades do núcleo de De de Voleibol.

2.4 Área 4 – Relação com a Comunidade

Segundo o Guia de Estágio (2014), esta área visa desenvolver competências que permitam ao estagiário compreender a importância da relação escola-meio e promover iniciativas de abertura da escola à participação na e da comunidade e também competência de conceção e utilização de processos de caracterização e acompanhamento pedagógico do grupo-turma, realizando as ações obrigatórias, o “Estudo de Turma” e o “Acompanhamento da Direção de Turma”.

Assim sendo, o estagiário deve privilegiar as interações com as famílias para apoiar os projetos de vida e formação dos alunos, e integrar no projeto curricular os saberes e as práticas sociais da comunidade com relevância educativa (Guia de Estágio, 2014).

2.4.1 Direção de Turma

O Diretor de Turma exerce na escola uma valiosa atividade, a qual julgamos merecer uma profunda reflexão. Este docente constitui um elemento determinante na mediação de conflitos, que não se encerram apenas no recinto escolar, ramificando-se e multiplicando-se por toda a comunidade educativa.

(Boavista & Sousa, 2013)

O diretor de turma (DT), como coordenador do plano de trabalho da turma, é responsável pela adoção de medidas tendentes à melhoria das condições de aprendizagem e à promoção de um bom ambiente educativo, competindo-lhe articular a intervenção dos professores da turma e dos pais e encarregados de educação e colaborar com estes no sentido de prevenir e resolver problemas comportamentais ou de aprendizagem (Lei nº51/2012, de 5 de Setembro, artº 41º). As funções e competências do DT estão dispostas no regulamento interno de cada escola, no entanto este documento tem que ter suporte legislativo. Portanto podemos destacar como principal documento de suporte legislativo: o Estatuto do aluno (Lei nº 51/2012, de 5 de Setembro).

Segundo o regulamento interno da escola secundária de Caneças, o DT tem diversas competências ao nível da relação com os alunos, com os professores da turma e com os EE. De seguida enumero as competências genéricas mais relevantes:

Competências Genéricas

- 1) A intervenção dos diretores de turma reveste especial importância no processo de ensino-aprendizagem dos alunos e deve desenvolver-se de forma articulada a três níveis fundamentais: na relação com os alunos; na relação com os professores da turma e na relação com os encarregados de educação.
- 2) Essa intervenção tem em vista, genericamente:
 - a) Assegurar a articulação entre os professores da turma e os alunos, pais e encarregados de educação;
 - b) Promover a comunicação e formas de trabalho cooperativo entre professores e alunos;

- c) Coordenar, em colaboração com os docentes da turma, a adequação de atividades, conteúdos, estratégias e métodos de trabalho à situação concreta da turma e à especificidade de cada aluno;
- d) Articular as atividades da turma com os pais e encarregados de educação, promovendo a sua participação;
- e) Coordenar o processo de avaliação dos alunos garantindo o seu carácter globalizante e integrador;
- f) Desenvolver ações que promovam e facilitem a correta integração dos alunos na vida escolar;
- g) Garantir aos professores da turma a existência de meios e documentos de trabalho e a orientação necessária ao desempenho das atividades próprias da ação educativa;
- h) Garantir uma informação atualizada junto dos encarregados de educação acerca da integração dos alunos na comunidade escolar, das atividades escolares, do seu aproveitamento escolar e das faltas a aulas;
- i) Coordenar e dinamizar o plano de atividades de acompanhamento pedagógico da turma;
- j) Organizar e manter atualizado o dossiê individual do aluno.

É feito assim um elo de ligação entre a escola e a comunidade escolar, o DT, sendo o gestor de todos os assuntos relacionados com os alunos da turma, sejam eles internos ou externos. O contexto em que os alunos vivem, influencia em grande escala o comportamento e atitudes dos mesmos, e também por essa razão, cabe ao DT orientar e aconselhar os alunos, tanto os que apresentam maiores dificuldades e problemas ao nível escolar como os que têm mais sucesso.

É através do DT que a escola espelha a sua imagem perante a família e os EE sendo o mesmo que transmite todos os anseios e informações dos EE aos restantes professores da turma. Como tal, tem um papel preponderante e a sua atividade é orientada para desenvolver a consciência cívica dos alunos, preparando-os para a vida em sociedade, para colaborar em ações que promovam a relação escola-comunidade, orientada para favorecer a colaboração multidisciplinar e fomentar o diálogo com alunos e o EE.

As minhas principais dificuldades foram a falta de domínio e conhecimento de todas as tarefas e responsabilidades relacionadas com a direção de turma. Estas dificuldades foram ultrapassadas através de pesquisa e estudo autónomo e aconselhamento junto de outros professores e dos orientadores de estágio, mas também pela ajuda importantíssima que a DT desempenhou durante todo o ano letivo. As principais tarefas que tive que realizar

foram: a organização do dossiê da turma; realizar as atas das reuniões em conjunto com a DT; marcação de falta no programa INOVAR; estive presente durante o atendimento telefónico aos EE; cheguei a realizar alguns telefonemas para resolver algumas situações, maioritariamente relacionadas com os exames nacionais; ajudei na organização das visitas de estudo às faculdades e no dia das profissões na escola. Apesar de no início ter sentido algumas dificuldades, adaptei-me à dinâmica do DT e o trabalho desenvolvido foi positivo, tendo cumprido todos os pressupostos definidos no Guia de Estágio.

2.4.2 Estudo de turma

Segundo o Guia de Estágio, a área 4 prevê que o professor estagiário consiga identificar as principais características dos alunos da turma, destacando as particularidades sociais, psicológicas e de aprendizagem dos seus elementos. A partir do estudo da turma o professor tem que ser capaz de retirar as implicações que estas características podem ter na sua intervenção junto da turma, nomeadamente no âmbito da direção de turma e da sua atividade letiva.

No início do ano letivo, foram aplicados dois questionários aos alunos, um sobre informações gerais, como a composição do agregado familiar, o percurso escolar, ocupação dos tempos livres, saúde e expectativas futuras, e outro sobre a disciplina de educação física. No início do segundo período letivo foram aplicados os questionários para o teste sociométrico que contribuiu para compreender que tipo de relações se estabelecem entre os alunos. A principal dificuldade foi o facto de nunca ter trabalhado com este tipo de dados e de estudo, logo foi necessária uma pesquisa em relação a esta tarefa.

Os resultados de ambos os estudos foram apresentados ao Conselho de Turma numa reunião intercalar com o objetivo de dar a conhecer algumas características e especificidades dos alunos, que podiam ser úteis na gestão da aula de algumas disciplinas. As reações aos dados apresentados foram maioritariamente de surpresa, no que dizia respeito às aspirações e perspetivas futuras dos alunos. Por outro lado, no que diz respeito às relações entre os alunos, os professores já conheciam os grupos que se formavam e os alunos que eram mais excluídos pela turma. Estes estudos foram extremamente importantes na medida em que permitem adequar a condução da aula às necessidades e características dos alunos, conseguindo potenciar as suas aprendizagens porque conhecemos melhor os alunos, as suas limitações, problemas, as relações e também as motivações. Estando aqui mais uma vez evidenciada a ligação entre esta área e a área 1.

Penso que o trabalho que desenvolvi foi útil para o planeamento e condução do ensino, assim como para a avaliação dos alunos, porque percebi a realidade dos alunos,

adequando a minha forma de agir perante as diferentes situações que vão surgindo em contexto de aula.

2.4.3 Dia em Carcavelos – Torneio Interescolar de Voleibol

Todos os anos a ESC realiza uma atividade na praia de Carcavelos que conta com a participação de mais escolas. Trata-se de um torneio de voleibol de praia de 4x4. Este ano realizou-se no dia 4 de junho e contou com a presença da Escola Básica Moinhos da Arroja e com a Escola Secundária Braamcamp Freire. Foram montados cinco campos de voleibol de praia e dividimos as equipas por escalões e os jogos foram controlados por tempo, os árbitros eram os alunos que tinham ganho o jogo anterior. Eu fiquei responsável pelo quadro competitivo de uma das redes e participei ativamente na organização de toda a atividade e na gestão dos alunos durante o dia. Foi uma atividade com carácter de encerramento de atividades do DE de voleibol, que ajudou na criação de laços entre os alunos assim como na sensibilização para todas as questões de segurança associadas a saídas de grupos para zonas públicas, neste caso a praia. Em termos da minha formação foi enriquecedor pois estive numa situação que requeria alguma logística para vigiar e controlar um grupo de alunos tão grande, numa situação fora do contexto de escola. Esta experiência vai ajudar-me bastante, quando tiver que planear uma atividade semelhante numa situação profissional. Em primeira instância esta atividade poderia estar contemplada na área 3, visto tratar-se de uma atividade do núcleo de DE de voleibol, mas decidi incluí-la na área 4, devido ao envolvimento das outras escolas e comunidade escolar, e porque foi realizada fora do espaço da escola.

2.4.4 II Gala de Educação Física e Desporto Escolar

A tradição de realizar uma gala de final de ano letivo começou no ano letivo anterior com o objetivo de ser feita uma apresentação global de tudo o que foi trabalhado e conquistado ao longo do ano anterior, na disciplina de EF e no DE.

Realizou-se no dia 5 de junho e houve uma grande adesão dos pais e dos alunos, as bancadas do pavilhão estavam cheias, o que representa um ótimo trabalho de divulgação e de entusiasmo dos alunos para trazerem as famílias a assistir à gala.

A gala foi organizada de maneira a haver uma atuação entre as entregas dos vários prémios. Estas atuações foram fruto do trabalho dos alunos e foram as seguintes: 7 atuações de dança (uma do grupo de Danças Urbanas do DE de dança, uma do grupo de dança do 5º ano de escolaridade da EBC, duas do grupo de Hip Hop da ESC, uma do grupo de dança do 7º ano de escolaridade, e uma de um grupo de dança do 8º ano de

escolaridade e por fim uma do grupo de dança do 9º ano de escolaridade); atuação de ginástica dos alunos do 1º e 2º ciclo; uma atuação do Cantar do Grupo de Estágio, onde os três professores estagiários cantaram e dedicaram uma música a toda a comunidade escolar; e por fim uma apresentação do DE de Taekwondo.

Eu e a minha colega de estágio fomos as apresentadoras oficiais da gala e o nosso colega foi um dos responsáveis pelo alinhamento das atuações e entrega de prémios. Foi um trabalho muito gratificante, onde sentimos que tivemos um papel ativo na comunidade escolar ao longo de todo o ano letivo e foi muito emotivo estar a encerrar a etapa com uma gala tão simbólica e carregada de emoções.

2.4.5 Dia na Quinta da Fonte Santa

De forma a encerrar as atividades com as nossas turmas, o NE decidiu organizar uma atividade de convívio na Quinta da Fonte Santa, no fim do ano letivo. Esta atividade decorreu no dia 2 de Junho e teve como objetivo fazer uma despedida num ambiente diferente do contexto escolar. Organizamos vários percursos de orientação dentro da quinta e os alunos em grupos foram percorrendo os percursos numa pequena competição. Depois de todos terminarem os percursos e colocarem em prática o que aprenderam sobre orientação na disciplina de EF, foi tempo de nos dirigirmos para a piscina para acabar o dia num ambiente de partilha, descontração e diversão.

3. Conclusões

Analisando todo o processo de estágio desde o seu primeiro dia, que neste caso se iniciou quase dois meses antes de o ano letivo começar, até ao momento da consecução deste relatório, surgem várias conclusões e observações, fruto da reflexão realizada assim como de todos os diálogos e partilha de experiências com os orientadores e colegas de estágio. Este documento foi um exercício essencial e muito importante no meu processo de formação pois permitiu uma reflexão profunda sobre pontos cruciais da minha intervenção pedagógica e também da minha participação na comunidade escolar. É o culminar de uma formação que me habilita para desempenhar as funções docentes nas suas mais variadas dimensões, formas e complexidade inerentes à profissão docente.

Para garantir que os alunos têm sucesso, um professor deve assegurar a qualidade do ensino, para isso deve manter uma procura constante de novo conhecimento, para que possa evoluir na sua prestação como educador e para que se reflita nas aprendizagens que proporciona. Refletir sobre as suas fragilidades é crucial para poder delinear a estratégia de formação pessoal de modo a ultrapassá-las e continuar a procura de novos conhecimentos, novas práticas e abordagens alternativas dos conteúdos.

Encarei sempre esta formação como uma oportunidade para me superar tanto em termos académicos como em termos pessoais, tendo-me empenhado totalmente na vida escolar. Uma das principais reflexões e aprendizagens que irei guardar daqui em diante é que um professor para ensinar tem que, em primeiro lugar, “ensinar a gostar e gostar de ensinar”. Considero que a minha prestação foi regular e de acordo com o esperado para um professor estagiário, segundo os pressupostos do Guia de Estágio. Mostrei-me sempre preocupada e disposta a aceitar as críticas e a melhorar todos os aspetos que me foram apontados.

Foi sem dúvida uma das melhores experiências a nível profissional e pessoal, extremamente enriquecedora, intensa e recompensadora a todos os níveis.

4. Referências

- Alarcão, I. (1996). Ser professor reflexivo. Em I. Alarcão, *Formação reflexiva de professores - Estratégias de supervisão*. Porto: Editora Porto.
- Bento, J. (1998). *Planeamento e avaliação em educação física*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Boavista, C., & Sousa, Ó. (2013). O Diretor de Turma: perfil e competências. *Revista Lusófona de Educação*, 23, pp. 77-93.
- Carreiro da Costa, F. (1984). O que é um ensino eficaz das atividades Físicas no meio escolar? *Revista Horizonte*, Vol. I, nº1, 22-26, Maio-Junho.
- Carreiro da Costa, F. (2002). Formação de Professores: perfil e competências do professor de Educação Física. Em *Cultura e Contemporaneidade na Educação Física e Desporto. E Agora? Coleção Prata da Casa*. Projeto Prata da Casa.
- Carvalhinho, L., & Rodrigues, J. (2004). *Formação Desportiva. Perspetivas de Estudo nos Contextos Escolar e Desportivo*. Lisboa: Edições FMH.
- Carvalho, L. (1994). Avaliação das aprendizagens em Educação Física. *Boletim SPEF*, 10/11, 135-151.
- Clark, C. M., & Yinger, R. J. (1987). *Teacher Planning*. In D. C. Berliner, B. Rosenshine (Eds), *Talks to teachers* (pp. 84-103). New York: Lane Akers.
- Crum, B. (2000). Funções e competências dos professores de EF: consequências para a formação inicial. *Boletim SPEF*, 23, 61-76.
- Diniz, J., & Rodrigues, A. (2014). Investigação Educacional (2ª aula). Faculdade de Motricidade Humana.
- Direção-Geral da Educação. (2013). *Programa do Desporto Escolar 2013-2017*. Lisboa.
- Escola Secundária de Caneças. (2010). Projeto Educativo 2010/2013. Caneças.
- Heacox, D. (2006). *Diferenciação Curricular na Sala de Aula - Como efetuar alterações curriculares para todos os alunos*. Porto Editora.
- Jacinto, J., Comédias, J., Mira, J., & Carvalho, L. (2001). Programa de Educação Física 10º, 11º, 12º - Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Tecnológicos.

- Jardim, M. M., & Onofre, M. (2009). *As experiências do praticum e a sua influencia no sentimento de auto-eficácia no ensino dos professores-estagiários de educação física. Não publicado*. Faculdade de Motricidade Humana, Universidade Técnica de Lisboa.
- Onofre, M. (1995). Prioridades da formação didática em educação física. *Boletim SPEF* 12, 75-97.
- Onofre, M. (1996). A supervisão pedagógica no contexto da formação didática em Educação Física. Em F. Carreiro da Costa, M. Carvalho, M. Onofre, J. Diniz, & C. Pestana, *Formação de professores em Educação Física. Concepções, investigação e prática* (pp. 54; 75-118). Cruz Quebrada: Edições FMH.
- Onofre, M. (2003). Das características do conhecimento prático dos professores de educação física às práticas da sua formação inicial. *Boletim SPEF* 26/27, 55-67.
- Quina, J. (2009). *A organização do processo de ensino em Educação Física*. Bragança: Instituto Politécnico de Bragança.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais - Trajetos*. Gradiva.
- S.A. (2014). Guia de Estágio Pedagógico. Mestrado em Ensino da Educação Física nos Ensinos Básico e Secundário. Faculdade de Motricidade Humana.
- Teixeira, M., & Onofre, M. (2009). Dificuldades dos professores estagiários de educação física no ensino. Sua evolução ao longo do processo de estágio pedagógico. *X Symposium Internacional Sobre El Practicum Y las Prácticas en Empresas en la Formación Universitária* (pp. 1159-1170). Vigo y A Corunã: Asociación Iberoamericana de Didáctica Universitária (AIDU), Universidade de Santiago de Compostela.
- Woods, P. (1995). *La escuela por dentro: la etnografía en la investigación educativa*. Barcelona: Paidós.

Documentos consultados da Escola Secundária de Caneças

Critérios de Avaliação em Educação Física. Agrupamento de Escolas de Caneças – Escola Secundária de Caneças

Planos Plurianuais de Educação Física do Ensino Básico, Secundário e Profissional. Agrupamento de Escolas de Caneças – Escola Secundária de Caneças

Projeto Educativo de Escola. Agrupamento de Escolas de Caneças

Regulamento Interno do Agrupamento de Escolas de Caneças

Legislação consultada

Lei nº51/2012 de 5 de Setembro

Decreto-Lei nº95/91 de 26 de Fevereiro